



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

BARBARA BRUNA COITINHO FERNANDES

**CINE TEATRO FÊNIX COMO
PATRIMÔNIO CULTURAL DE APUCARANA:
O PROJETO “VELHO CINEMA NOVO”
(1952-2002)**

Londrina
2014

BARBARA BRUNA COITINHO FERNANDES

**CINE TEATRO FÊNIX COMO
PATRIMÔNIO CULTURAL DE APUCARANA:
O PROJETO “VELHO CINEMA NOVO”
(1952-2002)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Ivano

Londrina
2014

BARBARA BRUNA COITINHO FERNANDES

**CINE TEATRO FÊNIX COMO
PATRIMÔNIO CULTURAL DE APUCARANA:
O PROJETO “VELHO CINEMA NOVO”
(1952-2002)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História da
Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Ivano
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Wander de Lara Proença
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr^a Miliandre Garcia De Souza
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de ____ de ____.

Dedico esse trabalho aos meus pilares de
sustentação: Maria, Gabriel e Karohellen.

AGRADECIMENTOS

Agradecer: ato de mostrar ou demonstrar gratidão a algo ou alguém, reconhecer.

Durante os últimos anos conheci e convivi com muitas pessoas as quais preciso demonstrar minha gratidão. Primeiro a Ele que me permitiu chegar aonde sozinha não seria possível. Também a todas as pessoas que acreditaram que eu era capaz e traduziram essa força em palavras e ações; os meus amigos (que ainda bem são muitos) sejam os de longa data ou os que conquistei nesta jornada durante as aulas e os papos do intervalo, meu sincero obrigada! Não poderia deixar, porém, de agradecer especialmente a dois deles, Josilene e Jonas. Uma das melhores partes dessa graduação foi conhecer pessoas como vocês, que me ensinaram tanta coisa boa, coisas que a gente não aprende nos livros nem nas apostilas, coisas que a didática e a teoria não podem compreender, o companheirismo, a boa vontade, a força, a persistência, a garra e sobretudo, o valor inestimável da amizade. Sem vocês essa conquista não teria sido tão grandiosa.

Aos professores e professoras, mestres com quem tive a honra de aprender um pouco do enorme conhecimento que carregam, que, me mostraram o início do longo caminho a percorrer no incrível ofício de historiadora, minha gratidão, em especial aquele que se dispôs a doar seu tempo e ciência para me auxiliar na conclusão dessa etapa tão importante, Profº Dr. Rogério Ivano.

Agradeço aos membros da banca examinadora por aceitarem contribuir com suas experiências e saberes, e pelo tempo que doaram à leitura e revisão deste trabalho.

E finalmente, mas não menos importante, a minha guerreira, heroína e eterna amiga que mesmo distante jamais se fez ausente, mãe, tudo iniciou com você, que me ensinou que nada é impossível quando temos força e vontade de lutar por nossos sonhos.

FERNANDES, Barbara Bruna Coitinho. **Cine Teatro Fênix como patrimônio cultural de Apucarana: o projeto “Velho Cinema Novo” (1952-2002)**. 2014. 61. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

Este trabalho objetivou analisar o Cine Teatro Fênix como patrimônio da cidade de Apucarana, a sua valorização através do projeto governamental Velho Cinema Novo e a ampliação cultural que esse projeto proporcionou à comunidade. . O propósito foi compreender como, em uma cidade de colonização recente, um local destinado inicialmente ao cinema transformou-se em espaço cultural. Para tanto, foi realizada pesquisa em jornais locais, documentos administrativos e plantas arquitetônicas, que por sua vez foram analisados a partir das reflexões de autores como Será utilizado o trabalho da historiadora francesa Françoise Choay, “A alegoria do patrimônio”, para definir a construção do conceito de patrimônio histórico; O de Silvia Helena Zanirato e Wagner Costa, “Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável”, e Pedro Funari e Sandra Pelegrini, “Patrimônio histórico e cultural”, que juntos auxiliaram a compreensão das transformações do conceito, que, passou a agregar a cultura enquanto patrimônio; e Roque de Barros Laraia.

Palavras-chave: Apucarana. Patrimônio. Cine-teatro. Cultura. Velho cinema novo.

FERNANDES, Barbara Bruna Coitinho. **Cine Teatro Phoenix as cultural heritage of Apucarana: the project "Old Cinema New" (1952-2002)**. 2014. 61. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em nome do curso) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the Cine Teatro Phoenix as heritage of Apucarana city, its valuation through the government program Old Cinema New and the cultural expansion that this project provided to the community. The purpose was to understand how, in a city of recent colonization, a site originally intended for the movies became a cultural space. For this, research was carried out in local newspapers, official documents and blueprints, which in turn were analyzed from the reflections of authors such as Françoise Choay to define the construction of the concept of heritage; Silvia Helena Zanirato and Wagner Costa, Pedro Funari and Sandra Pellegrini, who together helped the understanding the transformation of the concept, now adding culture as a heritage; and Roque de Barros Laraia for analysis of cultural change.

Keywords: Apucar1ana; Heritage; Cine and Theatre; Old Cinema New Project

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Confraternização de pioneiros no início da década de 1940.....	21
Figura 2 – Cine Apucarana, 2002.....	24
Figura 3 – Cine Sete Quedas em Guaíra	32
Figura 4 – Cinema Imperial na cidade da Lapa	32
Figura 5 – Entrega do Cine Teatro Fênix	36
Figura 6 – Entrega do Cine Teatro Fênix - detalhe.....	36
Figura 7 – Fachada Cine Fênix 1953	37
Figura 8 – Fachada atual Cine Teatro Fênix	38
Figura 9 – Publicação ed. nº3309.....	40
Figura 10 – Publicação, ed. nº3312.....	40
Figura 11 – Publicação, ed. nº3408.....	41
Figura 12 – Publicação, ed. nº3374.....	41
Figura 13 – Publicação, ed. nº3281.....	42
Figura 14 – Revista Vivo Apucarana	42
Figura 15 – Revista Vivo Apucarana	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A CIDADE DE APUCARANA	13
2.1 CINE FÊNIX...	21
3. PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL	26
3.1 O PROJETO VELHO CINEMA NOVO	30
4. A AMPLIAÇÃO DAS ATIVIDADES CULTURAIS A PARTIR DO PROJETO “VELHO CINEMA NOVO”	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
FONTE	48
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	50
ANEXO A – Folheto apresentativo 1	50
ANEXO B – Folheto apresentativo 2	51
ANEXO C – Folheto apresentativo 3	52
ANEXO D – Sumário executivo 1	53
ANEXO E – Sumário executivo 2	54
ANEXO F – Sumário executivo 3	55
ANEXO G – Sumário executivo 4	56
ANEXO H – Sumário executivo 5	57
ANEXO I – Sumário executivo 6	58
ANEXO J – Sumário executivo 7	59
ANEXO K – Sumário executivo 8	60
ANEXO L – Apresentação projeto Velho Cinema Novo	61

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é voltado para a discussão do patrimônio cultural da cidade de Apucarana. O objeto escolhido, Cine Teatro Fênix, é tido como referência para a cidade há anos. Enquanto cinema atendia a uma parcela da sociedade apucaranaense, tornando-se um dos principais locais de encontro das famílias e dos jovens. Atualmente, como cine teatro, tornou-se um dos mais importantes centros culturais da região, trazendo novas e diversas atividades, sendo palco de variados eventos, tanto particulares quanto abertos ao público, desde apresentações escolares folclóricas a apresentações de orquestras sinfônicas.

Busca-se compreender, a partir de Françoise Choay (2001), como se construiu ao longo das décadas a ideia de patrimônio. De acordo com a historiadora, no século XVIII, a partir da Revolução Francesa, o conceito de patrimônio visava a proteção e a conservação de monumentos históricos. No decorrer do século XIX, construções prediais também passaram a ser considerados como patrimônio histórico, construções materiais que guardavam a memória de feitos importantes para História de uma nação. Os esforços para proteção dos monumentos acabaram servindo muitas vezes para legitimar nacionalismos (FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. 2009, p. 20-21). Após o final da Segunda Guerra Mundial, os nacionalismos exarcebantes foram abandonados e foi criado, em 1945, junto com a Organização das Nações Unidas – ONU- a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) quando foi instituído a efetiva proteção do bens considerados patrimônios de toda a humanidade, que incluía todas as construções, independente da cultura nacional. Mas foi somente no final do século XX e início do século XXI que o conceito de patrimônio passou a abranger grupos sociais e práticas culturais, quando surge o “patrimônio cultural imaterial”, que consiste na herança que recebemos de nossos antepassados, ensinamentos, ‘maneiras específicas de fazer’, de cantar e de dançar, tudo aquilo que não possui um valor de mercado mas é composto por percepções e sentimentos e que faz parte do mosaico cultural de um povo. Assim, passa-se a utilizar o conceito de patrimônio cultural segundo pesquisadores como Funari e Pelegrini (2009), que redefinem a questão de patrimônio cultural a partir das novas concepções que se desenvolveram no final do século XX, início do século XXI, a partir disso pode-se considerar como patrimônio, não somente monumentos e prédios remetentes a um passado que se

quer ressaltar ou justificar, mas também os comportamentos coletivos e as relações sociais que constituem as práticas culturais de distintos grupos sociais, ou seja, o patrimônio cultural imaterial de uma comunidade.

Inicialmente, a partir da investigação da historiografia da cidade, procura-se delinear o início da história do surgimento do município, do Cine Fenix e o papel que este ajudou no desenvolvimento da vida cultural de Apucarana, quando contextualizamos historicamente a construção e o surgimento do cinema e sua transformação em teatro. Posteriormente analisamos o projeto governamental Velho Cinema Novo, realizado durante o governo de Jaime Lerner (1994-2002), quais foram os objetivos de sua formulação e suas metas para a cidade. Neste capítulo também utilizaremos e analisaremos a principal fonte para a composição deste trabalho, qual seja, as matérias do jornal Tribuna do Norte sobre o projeto governamental. A investigação destes documentos como fonte histórica - pautado pelo texto de Tania Regina de Luca (2005) - atentou para as questões próprias do jornal: seu lugar de produção, que público se destina e qual atinge, se há ligações políticas da linha de edição do jornal e quais são, levando em conta sempre que “nem sempre a independência e a exatidão dominam o conteúdo editorial” e que é importante tomar cuidado com “a mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso”.(LUCA, 2005, p. 116). Documentos referentes à construção original, e os documentos da reforma do teatro também foram pesquisados, buscando-se identificar os elementos culturais que foram agregados ou modificados no espaço. No terceiro capítulo foi feito um levantamento sobre a agenda social do teatro, para estudar as diferentes utilizações e eventos sociais da cidade; tal análise se baseou nas pesquisas em arquivos do Jornal Tribuna do Norte, no qual é possível encontrar diversas matérias sobre o Cine Teatro e sobre convites para a participação dos diferentes eventos que nele aconteceram.

O interesse pelo estudo desse objeto surgiu a partir de uma experiência vivida dentro de um dos projetos culturais que a construção do teatro proporcionou aos moradores, a Escola Municipal de Dança, e também da intenção em compreender a importância do patrimônio cultural da cidade. De acordo com a antropóloga Ruth Benedict, “ a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo” (Apud. LARAIA, Roque de Barros. 2001. p. 35); então, através de uma análise cultural pode-se compreender parte da história de uma sociedade. Reconstituir partes da história de Apucarana, através de suas práticas culturais é

enriquecer o patrimônio histórico do estado do Paraná, pois é possível preservar lugares, festas e conhecimentos daqueles que ajudaram a construir o município. A importância de tal pesquisa se insere na necessidade em se estudar o patrimônio cultural de uma cidade relativamente nova no estado. Situada em um entrocamento entre as principais cidades do sul e do norte do estado, Apucarana revela uma gama de identidades, etnias e uma rica cultura. A história do município, ainda é escrita sob o ponto de vista das famílias 'pioneiras', e é necessário que sejam feitos questionamentos sobre essa estrutura de composição e construção da cidade. E estudar a movimentação cultural é uma forma de 'enxergar' outros agentes ativos da história da cidade que ainda estão ocultos da narrativa oficial.

2. A CIDADE DE APUCARANA

Localizada a cerca de 370 km de Curitiba, a capital do Paraná e há cerca de 40 km da cidade de Londrina, entre três das bacias hidrográficas mais importantes do estado – Tibagi, Ivaí e Pirapó – desenvolve-se a cidade de Apucarana, reconhecida nos dias como a “capital nacional do boné” produz mais de 80% desse artigo em todo o país. É também uma das cidades mais populosas do estado.

Escrever sobre a história de tal cidade se torna um desafio, pois nova como é, em seus 70 anos, não possui uma historiografia ampla sobre sua formação, o que encontramos ao pesquisar suas origens são esparsas pesquisas acadêmicas, e em sua grande maioria, memórias escritas pelos primeiros moradores e seus descendentes, onde persiste fortemente a ideia do pioneiro como construtor ‘herói’ de uma comunidade. O heroísmo aqui se refere á coragem conferida aos primeiros homens que desbravaram a mata no topo da serra e, mais tarde lutaram também pela emancipação da cidade. É importante frisar que a maior parte dos documentos sobre a história de Apucarana foram escritos por estes pioneiros ou seus herdeiros, e também pela imprensa local que buscou ressaltar a importância dos primeiros habitantes para o município mantendo a tradição destas famílias. A maior parte ainda dominante no setor comercial e industrial da cidade. Em uma citação das memórias do professor Rui Cavallin Pinto¹ pode-se observar essa forte imagem do pioneiro construída pelos apucaraneses “Pioneiro não é só o que afronta o desconhecido e o desbrava, mas o que sobre a terra dominada recria o milagre da vida, para si e para os outros.” (PINTO, 2007, p. 73).

O nome da cidade foi alvo de vários estudos linguísticos, é considerado pela maior parte de seus moradores mais antigos oriundo da cultura caingangue, pode-se verificar em algumas publicações memorialísticas, como a publicação do Álbum comemorativa do jubileu de prata de Apucarana, em 1968, onde a origem do nome é atribuída aos índios que habitavam a região antes da chegada dos desbravadores e que teriam nomeado a região de APÓ (base), CAARÃ (semelhante à floresta) e ANÃ (imensa) que podemos traduzir como Floresta Imensa na Base da Serra. Ninger

¹ Bacharel em Direito e licenciado em História, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, considerado um dos primeiros a construir a F.E.C.E.A – Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana - onde ministrou aulas de História por muitos anos.

Ovídio Marena² (1978) afirma que essa tradução, surgiu dos relatos do cartógrafo americano John Henry Elliot em uma de suas expedições no norte do estado quando teve contato com esses indígenas, porém, existem outros estudos linguísticos. De acordo com Cavallin Pinto, que afirmam que o nome é na verdade de origem Guarani e significa ‘furo rachado’, ele aponta um terceiro estudo linguístico, realizado pelo dicionarista João Mendes de Almeida, que afirma que o nome na verdade significa ‘morro vulcânico’ devido à formação de seu território pelas lavas de um antigo vulcão hoje adormecido. Para Cavallin Pinto (2007, p. 9-10), essa diversidade de opiniões não influi na hora de escrever sobre a história da cidade, segundo ele:

[...] diante dessa diversidade de opiniões, qualquer de nós está autorizado a adotar a interpretação que mais lhe aprouver. Há autoridade linguística que justifica e subscreve qualquer das versões que você escolher. Assim se encerra a questão.

Talvez para uma narrativa ao qual Cavallin se dispôs a fazer, tal fato, como um debate sobre a real origem do nome da cidade, seja considerado sem importância. Mas esse debate, considerado indiferente para a narrativa que enaltece o pioneiro, tem grande importância quando se busca compreender a história da formação de um município.

A região onde se situa Apucarana foi loteada pela empresa de origem inglesa Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) a mesma que projetou e colonizou as cidades de Maringá e Londrina, durante o período da expansão da frente cafeeira originária de São Paulo (ARIAS. 1995, p. 70). Chegando à região ao final dos anos 1920, a CTNP, comprou ao total cerca de 515.000 alqueires de terreno do governo estadual. Tratava-se, segundo o livro comemorativo da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, de terras longínquas e desabitadas, onde os colonizadores enfrentaram diversos problemas com índios e com posseiros que habitavam anteriormente a região. Em um momento de crise mundial em 1929, a venda das terras foi comprometida, assim a CTNP passou a vender lotes de terras para pequenos proprietários com um “Plano de vendas com prazo de quatro anos para pagamento, juros de 8% ao ano. Obrigatoriedade de preservar 10% da área adquirida em mata virgem”. (Companhia Melhoramento Norte do Paraná, p. 8).

² Técnico em museologia foi por muitos anos museólogo no antigo Museu David Carneiro Neto em Apucarana, atualmente trabalha no Museu Municipal de Londrina.

O projeto de colonização da Cia de Terras previa a construção de vários lotes de terras pequenos em uma região agrícola, que, formaria um cinturão verde ao redor da área urbanizada e serviria para alimentar esse centro. “[...] um projeto imobiliário baseado na pequena propriedade e na fundação de cidades, próximas umas das outras, que seriam os núcleos difusores do projeto.” (ARIAS. 1995, p. 72).

A crise do café, que assolou as plantações no Brasil, não afetou completamente a produção paranaense. Ainda de acordo com o livro de memórias da Cia, um acordo entre a CTNP e o governo federal que permitiu que o Paraná continuasse cultivando o produto. Uma grande propaganda sobre a região como o ‘Eldorado’ foi amplamente divulgada, e assim colonos que aspiravam se tornar pequenos proprietários começaram a se deslocar para o norte do estado.

O período em que a cidade de Apucarana foi emancipada, em 1944, era de grande movimentação migratória para o norte do estado, devido à expansão cafeeira dos anos 1930, que se tornou a “principal sustentáculo da arrecadação financeira paranaense” (1920-1975), como afirma Elzio dos Reis Marson (2005, p. 13.) em seu trabalho de mestrado intitulado “No limiar do horizonte: manifestações e discursos divisionistas norte/sul e política integracionista no Paraná”, e tornou o loteamento e venda das terras roxas de origem vulcânica e extremamente férteis, em um empreendimento lucrativo. A CTNP recebeu concessão do governo do estado para comercializar as terras da região norte em 1925, mas somente em 1935 começa a lotear a região do Apucarana³, enviando uma equipe de trabalhadores comandada pelo Sr. Benevides Mesquita que, inicia os trabalhos de agrimensura loteando cerca de 500 alqueires e dividindo-o em aproximadamente 30 mil lotes. Após o trabalho de loteamento as terras foram colocadas à venda em 1938 e logo os ‘picaretas’, como eram conhecidos os negociantes que vendiam os lotes, hoje reconhecidos como corretores, “partiram para todos os pontos cardeais em busca de compradores” (LÔR, 1968). O projeto inicial da cidade continha 105 quadras, quatro praças e 53 ruas que receberam nomes de cidades do estado do Paraná, atualmente essa área corresponde apenas à região central da cidade.

Os primeiros colonos imigrantes que fixaram moradia na região foram de origem: “ucraniana, japoneses, alemães e italianos são base étnica da cidade de

³ Nome indígena que deu origem ao nome da cidade de Apucarana.

Apucarana” (BOSCARDIN. 2005, p. 5)⁴. Havia também muitas famílias, também imigrantes, advindas do interior do estado de São Paulo a maior parte vindo em busca da prosperidade que a economia cafeeira parecia oferecer. A valorização das culturas étnicas e da visão do imigrante como elemento fundamental na construção da cidade permanece até hoje, as comunidades ucranianas e japonesas marcam forte presença cultural na cidade e muitos pioneiros pertenciam a essas etnias. As diversas cerejeiras plantadas por toda a cidade, e o tradicional festival que leva o nome da planta e apresenta todo ano danças e comidas típicas, são sinais da presença marcante da cultura japonesa. Podemos questionar, porém, a ausência dos indígenas na historiografia. Quando lemos as páginas dos livros de memórias, a impressão que nos passa é de que neste território não havia nada nem ninguém, como se o pioneiro aqui tivesse chegado e construído sozinho toda uma comunidade. Mas onde será que os habitantes da região, que foi batizada por indígenas, estariam nesse momento e porque sua presença ou mesmo sua ausência não é citada? Talvez um estudo aprofundado sobre a constituição da cidade pudesse dar resposta a esses questionamentos.

Sendo considerados os construtores e emancipadores do município, os pioneiros são citados, na historiografia da cidade, como heróis que desbravaram a imensa mata, homens que desenvolveram a agricultura e que gradativamente construíram um povoado forte e úmido que, com muita dificuldade e dedicação logo se tornou uma comunidade de grande porte, uma comunidade heterogênea que não possuía distinção entre sua composição étnica tão variada como podemos observar nas palavras de Francisco Soares Sobrinho (2007, p. 91):

Todas as raças lhe vieram prestar o concurso [...] Aqui os preconceitos são esquecidos [...] Aqui são postergados os bairrismos e o paulista coopera com o gaúcho, o sulista e o nortista discutem juntos a política mundial [...] Todos, boa gente!
(Grifos meus.)

Esse discurso permanece nas construções narrativas sobre a história da cidade, discursos que os descendentes dos primeiros moradores permanecem legitimando através de publicações de revistas que comemoram o pioneirismo, por exemplo, a publicação da Revista Comemorativa aos 100 anos do Pioneiro João Boscardin Junior, comerciante, fundador da primeira loja de autopeças da cidade. A

⁴ Descendente do Pioneiro João Baptista Boscardin Junior, Mariana faz parte da administração da empresa Apucarana Auto Peças construída por seu antecessor.

revista, elaborada e publicada por seus filhos e netos, trata-se de uma narrativa onde sua figura é aclamada com um homem visionário e fundamental para a construção do município. Essa perspectiva da história progressista, tal como a historiadora Sonia Lopes Adum (ADUM. 1991. p. 17) afirma em seu trabalho, *IMAGENS DO PROGRESSO: Civilização e Barbárie em Londrina - 1930/1960*, acaba por não mostrar a história dos ‘vencidos’, que ficam “escondidos no contexto do alargamento territorial e do progresso” e “acabam por não participar da história” ficam sem memória. Assim, é necessário “uma narrativa comprometida com a tarefa de reinterpretar a história local e regional questionando os fundamentos da historiografia tradicional” (ARIAS 1995, p. 70).

Sob a perspectiva de Maurice Halbwachs (Apud. ARIAS. 1995, p. 71), as memórias são reconstruções do passado em virtude do presente e se sustentam apenas dentro de determinado grupo social, assim “as lembranças aparentemente individuais, são na realidade, produtos de múltiplas experiências coletivas à medida que os homens participavam de vários grupos ao longo de suas vidas [...]”. A imagem de pioneiro herói pode, nesse sentido, ter nascido a partir da construção das memórias em relação ao presente, o trabalho desses ‘bravos’ homens levou a cidade ao desenvolvimento atual. Tal imagem criou uma identidade, no norte do Paraná, do pioneiro empreendedor, que construiu as cidades com seu esforço e trabalho. Em um dos relatos, no trabalho⁵ do historiador Jose Miguel Arias Neto que, entrevistou vários moradores vindos a Londrina no início da colonização da cidade em 1929, o Sr. José Hosken de Novais⁶ define o pioneiro como (ARIAS. 1995, p. 75.)

Pioneirismo são aqueles homens que chegaram aqui em primeiro lugar marcaram sua presença por ações em benefício da coletividade. Atuação em favor da coletividade e uma liderança pela inteligência, pela sua correção... e pelo espírito de servir [...]

No discurso, podemos observar a imagem que se construiu e qual a concepção que se têm dos pioneiros, porém nem todos os primeiros moradores partilham essa imagem, muitos desses que vieram para trabalhar nas colheitas ou nas construções da cidades, e que não aparecem como vencedores na historiografia

⁵ Pioneirismo: Discurso político e identidade regional.

⁶ Advogado e ex-prefeito da cidade de Londrina.

tradicional, possuem outra definição de pioneiro, aquele que veio desbravar a terra com seu trabalho o que inclui esses trabalhadores. O depoimento do Sr. Genecy Guimarães⁷, é um exemplo (ARIAS. 1995. p. 76):

[...] pioneiro é aquele que veio para desbravar a terra aí, não é? Agora esses eram pioneiros com dignidade, agora tem outros pioneiro com indignidade, com malandragem... às vezes fizeram muita arbitrariedade! Que tem gente aí que matou índio, que matou posseiro, fez muito sangue para poder ser o que é hoje, e a história infelizmente tapa isso aí, não é?

A área da cidade no norte paranaense, loteada pela CTNP, tinha como função inicial servir como um dos pontos intermediários entre as cidades pólo Londrina e Maringá, estas distantes cerca de 100 km uma da outra. De acordo com Herman Barros, diretor da CMNP em 1975, o projeto era construir pequenos povoados distantes um do outro á aproximadamente 15 km, e deveriam abastecer as cidades com a produção alimentícia (Apud. YAMAKI. 2006. p. 3):

Os núcleos básicos da população foram estabelecidos a cada 100 quilômetros uns dos outros: Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama. São cidades planejadas nos mínimos detalhes para se transformarem em grandes metrópoles. Por entre esses núcleos principais, fundaram-se de 15 em 15 quilômetros, pequenos patrimônios.

Apucarana era um desses “pequenos núcleos urbanos, destinados a servirem de centros intermediários de abastecimento.” (PINTO, 2007. P. 74). Porém, o povoado desenvolveu-se além do esperado e mesmo sem o auxílio da CTNP escolas foram criadas, o comércio floresceu e se desenvolveu e até mesmo um clube de futebol conhecido como GERA (Grupo Esportivo e Recreativo de Apucarana), foi fundado em 1942, tornou-se um dos primeiros pontos de encontros culturais da comunidade, ali se reuniam pessoas para jogos de futebol, jantares e outras reuniões de cunho social.

Não havia interesse por parte da Companhia em investir na comunidade de Apucarana, pois, uma parte dessa região estava em terras da fazenda Três bocas que pertenciam ao fazendeiro, e também pioneiro, Sr. Vicente de Castro e qualquer ‘benfeitoria’ feita estaria valorizando as terras deste. A prefeitura da cidade de

⁷ Operário torneiro, militante comunista.

Londrina era a responsável administrativa pela comunidade, porém, não dispensava atenção e subsídios necessários para a região. Segundo Mônica Patrícia Costa “o desinteresse era tanto que a Prefeitura de Londrina não se preocupou sequer em enviar um educador para o povoado, assim que ele foi aberto.” (BONI; COSTA, 2009, p. 97). Alguns dos moradores, provavelmente os economicamente mais afortunados, tais como os fazendeiros e os comerciantes, convidaram então Wilde Borghi Formigoni que, na época tinha dezessete anos, para lecionar aos seus filhos a fim de que esses não permanecessem na total ignorância. Recém-chegada na cidade Wilde era basicamente instruída, e passou a lecionar em sua casa mesmo sem acesso a materiais ou nem mesmo um quadro negro para apoio ao ensino, conforme podemos verificar no relato da própria Wilde (Apud. SOBRINHO, 2007, p. 179-180):

Vários pais vieram falar comigo, convidando-me para lecionar para seus filhos que estavam crescendo sem aprenderem as primeiras letras. Fiquei com pena das crianças e comecei então a ensinar-lhes no meu ranchinho e em volta da mesa da sala de jantar, porque não havia outro espaço. Era tudo só mato.

Alguns anos mais tarde ela recebe licença permanente, como professora particular, para lecionar e regulariza sua escola que passa a ser conhecida como Escola Amiga da Criança. Somente meses depois a prefeitura de Londrina nomeou e enviou para a comunidade a primeira professora oficial, quando os moradores ergueram um barracão na atual Avenida Curitiba para que ela pudesse lecionar, infelizmente não foram encontrados dados sobre tal professora, ao contrário dos vários dados escritos sobre Wilde, o que nos leva a perceber, novamente, a valorização da imagem do pioneiro.

Ressentidos com a falta de apoio por parte da CTNP de terras e da cidade de Londrina, os moradores organizaram-se para exigir a emancipação da comunidade, a partir de 1942 a sede do GERA foi utilizada para encontro dos então considerados líderes da comunidade que se reuniam com o propósito de organizar o pedido de emancipação. A primeira ata do movimento que o Sr. José de Oliveira Rosa denomina de “Pró-Município de Apucarana”, é escrita em cinco de maio de 1943 e teve como função organizar os componentes da comissão que lutava pela emancipação do povoado, que neste momento, pertencia ao distrito de Rolândia. Segundo o Sr. Rosa, as dificuldades para conseguir uma emancipação eram muitas,

pois, o povoado ainda não havia sido elevado nem mesmo a distrito, mas a luta de seus moradores continuava como ele mesmo afirma em suas memórias (ROSA, 1991, sem paginação):

No início dos trabalhos Pró-Município, os apucaraneses enfrentaram muitas dificuldades, pois nem éramos distrito e já se delineava a probabilidade de nos tornarmos município. Lutamos muito por essa causa! Merecemos, pelo nosso progresso.

As reuniões no GERA continuaram ocorrendo e contando com mais adeptos e apoiadores da causa “Pró-Município”. Em junho de 1943 a comissão resolve publicar no jornal Paraná Norte, editado em Londrina, uma matéria sobre a comunidade apucaranesa, seu progresso e crescimento, como a construção do primeiro grupo escolar que foi construído em um terreno doado pelo gerente da CTNP, Mister Thomas, “os pioneiros procuraram publicar o que era Apucarana e o que poderia ser no seu futuro.” (ROSA, p.1991.). Uma destas publicações é enviada para o Interventor Manoel Ribas na capital, em uma clara tentativa de mostrar ao governo do estado a força que a comunidade havia adquirido.

Em 22 de julho de 1943, o interventor (cargo que hoje corresponde ao de governador) Manoel Ribas veio à comunidade prestigiar a inauguração do grupo escolar e, aproveitando a passagem deste, a comissão que lutava pela causa apresentou-lhe a reivindicação de emancipação do povoado apucaranesa. Atendendo à persistentes reivindicações, e diante das evidências do progresso da região, o interventor emancipa o município e, através da lei nº199 do dia 30 de dezembro de 1943, é criada a cidade de Apucarana. O primeiro prefeito nomeado é o pioneiro Coronel Luiz José dos Santos que toma posse dia 28 de janeiro de 1944 sob grande festa dos moradores. E passou a ser considerada a data oficial de aniversário da cidade.

Na figura abaixo podemos observar uma reunião dos moradores pioneiros.

Figura 1 – Confraternização de pioneiros no início da década de 40



Fonte: Fotografia: Autor desconhecido
(BONI; COSTA, 2009, p. 98)

O que podemos perceber, ao analisar a documentação da cidade é a presença sempre marcante da imagem heroica e batalhadora dos pioneiros, aqueles que com imenso esforço e luta, buscaram construir uma cidade e um bem comum a todos. O que essas narrativas não levam em consideração é que, tais homens, ao chegaram à região, já possuíam um capital para comprar suas terras, abrir os comércios e construir suas casas mesmo que de forma ainda precária, mas não citam as pessoas que chegaram para trabalhar em suas terras contando apenas com a força de seu trabalho para sobreviver, tal imagem persiste até os dias atuais.

A falta de uma historiografia, que dê voz a parte da população silenciada, como as pesquisas e trabalhos da historiadora Sonia Adum, que abordou o contraponto da história pioneirista de Londrina, auxilia a permanência dessas ideias e, as publicações como os almanaques comemorativos dos aniversários da cidade que exaltam e engrandecem apenas parte da população que ajudou a construir a comunidade.

2.1. CINE FÊNIX

Após a emancipação do município em 1944, a vida social começa a crescer, logo no primeiro ano durante um jantar de comemoração ao primeiro aniversário do município o Sr. Antônio Ferreira da Costa, primeiro juiz da comarca de Apucarana, sugere a construção de um clube para reuniões sociais da cidade onde “pudessem ter maior comunicação, estreitamento das amizades e lazer” (ROSA. P.1991.), o

clube é construído ao lado do grupo escolar, e recebe o nome de Clube 28 de Janeiro. Tal clube surge da necessidade de ampliar a integração cultural dos moradores que crescia cada dia mais e não encontrava mais espaço no salão do GERA.

Na década de 1950, a cidade já contava com, além do Clube Social 28 de Janeiro, o cinema Cine Ópera que funcionava próximo a catedral da cidade, mas a vida cultural ainda exigia mais opções para as famílias e os jovens, e assim em 1952 a Empresa Cinematográfica Apucarana, dona do Cine Ópera, constrói na movimentada Avenida Curitiba o Cine Fênix, com uma das maiores salas de cinema da região, uma área construída de cerca de dois mil metros quadrados, esse cinema foi considerado o mais moderno do norte do Paraná nos anos 1950. Seu prédio era composto por três andares, sendo no térreo uma grande e única sala de exibição com capacidade para 900 pessoas, um espaço comercial de alimentação e uma loja, no primeiro andar funcionava a cabine de projeção e algumas salas comerciais, o segundo e o terceiro andar também eram compostos por salas comerciais que abrigavam escritórios de advocacia, consultórios médicos, dentistas e alfaiatarias, de acordo com as plantas⁸ do prédio que a prefeitura da cidade conserva, eram ao todo 20 salas comerciais. As plantas originais de 1952 não foram localizadas pelo setor de planejamento da prefeitura.

O Cine Fênix tornou-se o ponto de encontro e de entretenimento da juventude apucaranesa até a década de 1990, projetando em sua tela grandes sucessos mundiais do cinema, sobreviveu à crise que, de acordo com o periódico O Radar⁹ de novembro de 1979, atingiu as empresas cinematográficas no final da década de 70, início de 80 no Brasil, em que mais de seiscentas salas de cinema fecharam suas portas, entre elas o Cine Ópera de Apucarana. É importante ressaltar que a parcela social que frequentava o grandioso Cine Fênix era da juventude das classes médias e altas conforme a declaração de um dos moradores da época ao jornal Tribuna do Norte¹⁰, Francisco Marques que, afirma ser o Cine Fênix, um cinema da elite. Somente no início da década de 1990, quando o Cine Fênix teve seu nome alterado para Cine Apucarana, é que sua programação passou a contemplar a população de menor poder aquisitivo da sociedade apucaranesa, disponibilizando dias em que a

⁸ Plantas originais de uma adequação do prédio, datadas do ano de 1953. Como não se teve acesso às plantas da construção, não foi possível identificar quais foram essas adequações.

⁹ Periódico jornalístico da cidade de Apucarana criado na década de 1970.

¹⁰ Jornal Tribuna do Norte- ano XII- n. 3559 - sábado- 28-12-2002 - caderno cidades p.7.

entrada para assistir aos diversos filmes era mais barata que os valores habituais, e dias, em geral datas comemorativas como o dia das crianças, em que a entrada era gratuita. O cinema foi adquirido pela prefeitura, segundo a revista Vivo Apucarana, publicada em homenagem aos 50 anos da cidade no ano de 1994, sob a primeira administração do prefeito Valter Aparecido Pegorer que, pretendia utilizar o espaço como casa de cultura.

Com a construção do primeiro shopping da cidade em 1999, o Shopping Center Centro Norte, que possuía duas modernas salas de projeção, o Cine Apucarana fez suas últimas apresentações ao público, pois, no mesmo ano, a prefeitura da cidade decide fechar definitivamente as portas do tradicional cinema de Apucarana. Tal fechamento seria essencial, para que a prefeitura não concorresse com a iniciativa privada, tirando o público consumidor dos novos cinemas que, foi um empreendimento de grandes empresários apucaraneses. Segundo entrevista concedida ao Jornal Tribuna do Norte, em novembro de 1999, o secretário da educação e cultura daquele ano, Sergio Luís Cardoso, afirmou que essa decisão iria beneficiar os apucaraneses, pois a cidade iria contar com um espaço para atividades artísticas além dos dois cinemas novos, mas também afirmou que a prefeitura não queria concorrer com a iniciativa privada, de acordo com o depoimento do secretário em uma entrevista, concedida ao Jornal Tribuna do Norte no dia 17 de novembro de 1999, “A prefeitura entende que desativando o atual cinema, vai contribuir para que as pessoas frequentem as salas de exibição do shopping e o empreendimento tenha sucesso”.

Mas nem todos concordavam com o fechamento do espaço, a Sra. Oraíde Massareli, esposa de Joaquim Massareli que gerenciava o cinema há mais de 15 anos, afirmava conforme entrevista concedida ao Jornal Tribuna do Norte em novembro de 1999, ao contrário do secretário Sergio Luís, que a desativação iria trazer prejuízo para a população de menor poder aquisitivo, pois, como ela ressalta “o povo que frequenta o shopping é rico” e os ingressos para assistir os filmes certamente seriam de valores mais altos do que os valores cobrados para a entrada no Cine Apucarana, ela afirma também que o prédio deveria ser tombado como

patrimônio histórico por sua amplitude e o tempo que atendeu o público da cidade de Apucarana, que em 1999 completava 48 anos¹¹.

A afirmação de Oraíde Massareli, sobre o fato do público que frequentava o shopping ser 'rico', pode ser observada nas reportagens posteriores do jornal Tribuna do Norte¹², que mostram em entrevistas, o lazer de vários jovens pertencentes a famílias de influentes empresários da cidade, como os Cilião e os Sachelli¹³.

A prefeitura pretendia utilizar o espaço para apresentações culturais após a desativação do cinema, embora não apresentasse estrutura interna para tal finalidade, possuía uma espécie de palco em frente à tela de projeção como podemos observar na Figura 2:

Figura 2 – Cine Apucarana 2002



Fonte: Jornal Tribuna do Norte nº3421 manchete

¹¹ Infelizmente não foi encontrado em nenhuma edição posterior do jornal Tribuna do Norte uma continuidade que pudesse enriquecer essa discussão. Em contato com a Sra. Oraíde, a mesma informou o falecimento do esposo e não quis fazer mais nenhuma declaração.

¹² Jornal Tribuna do Norte, ano IX, nº2632, quinta-feira 09/12/1999 pág. 6-A.

¹³ Donos de grandes empresas como o Frigorífico Frigobeto, Rações Reines. Revista Frizz e outras lojas da cidade.

Após a inauguração do Shopping, que, se tornou o novo ponto de encontro dos jovens da classe média apucaranaense, o Cine Apucarana foi efetivamente desativado e apenas algumas poucas apresentações teatrais passaram a ser realizadas em seu espaço, a exemplo as tradicionais encenações da paixão de Cristo na época de páscoa. Somente algumas das salas comerciais superiores funcionavam, e, ainda assim para raras reuniões de um ou outro empresário. As duas lojas que se localizavam no térreo e que tinha entrada frontal, separada do cinema, também permaneceram abertas, a tradicional lanchonete Holandesa e a livraria Globo continuaram atendendo a população. Reportagens do Jornal Tribuna¹⁴ do Norte apontaram o fechamento e posteriormente também informaram a população sobre as excepcionais apresentações teatrais no Cine que, voltou a ser aberto ao público, no ano de 2001, com apresentações culturais diversificadas.

¹⁴ O Jornal Tribuna do Norte faz parte do Grupo Tribuna de comunicação que, compreende também os periódicos Jornal da Manhã de Ponta Grossa, a Graf Norte, uma das maiores gráficas do Paraná, a Rádio Tribuna FM e os sites JM News e TN Online, Baltazar Eustáquio de Oliveira, atual editor chefe e acionista majoritário, foi o principal responsável pelo início, no ano de 1991, do jornal Tribuna do Norte, origem de todo o grupo de comunicação. Baltazar Eustáquio, nascido em Apucarana, família de classe média, Seu primeiro trabalho como jornalista foi no jornal Tribuna da Apucarana. Em 1985 deixa o jornal Tribuna da Cidade abre seu próprio jornal semanário, o Jornal do Norte. Lançado em janeiro de 1985, o JN foi o primeiro jornal da região a utilizar imagens coloridas. É extinto em 1991 quando Baltazar adquire o jornal Tribuna da cidade e, uma fusão, cria o jornal Tribuna do Norte o jornal mais lido e o maior da cidade apucaranaense, considerado pelo prefeito Valter Pegorer em 1993, como o jornal oficial da cidade, pois nessa época o jornal de Londrina era utilizado como o principal informativo do município. É importante dizer que Baltazar Eustáquio, o teve grande participação na vida política da cidade, se envolvendo em projetos de que vão desde a duplicação da principal rodovia que liga Apucarana a Araçongas, a construção do Centro de moda que atualmente é a Universidade Tecnológica Federal do Paraná até a instalação e construção de uma das maiores e mais modernas escolas públicas estaduais do Paraná, o Colégio Estadual Antônio dos Três Reis de Oliveira, pode-se observar que ele possui grande força nas decisões e discussões políticas da cidade sendo de grande influência para a administração do município, seu jornal é atualmente o de maior circulação na cidade, lido por pessoas de diferentes camadas sociais.

3 O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

Para compreendermos a amplitude e o impacto do projeto Velho Cinema Novo, na cidade de Apucarana, faz-se necessário apontar a definição de patrimônio cultural a importância da sua preservação para o grupo social em que está inserido, nesse caso, os moradores apucaraneses.

Patrimônio é um bem, uma herança que é transmitida, de acordo com a lei, dos pais para os filhos (CHOAY, 2001, p.11). A partir dessa definição podemos analisar a legitimidade do Cine Fênix como patrimônio de Apucarana. Choay trabalha o conceito de patrimônio a partir dos monumentos históricos. Segundo ela, a palavra patrimônio foi modificada e ganhou novas qualificações, agregando vários adjetivos “genéticos, naturais, históricos” (CHOAY, 2011, p.11). Por esse motivo acabou se tornando um conceito nômade. O patrimônio histórico, trata-se de um bem de uso de determinada comunidade que tem sua utilização ampliada, ele é composto por uma variada gama de objetos que se relacionam por seu passado comum.

Para se chegar ao conceito de patrimônio histórico, Choay descreve a transformação do monumento, primeiro elemento a ser considerado patrimônio, durante a História. Original do latim *monumentum*, deriva da palavra *monere*, que significa advertir, lembrar. Assim, a principal função dos monumentos era trazer a lembrança de algo, não permitir que aquilo, ao qual ele faz referência, fosse relegado ao esquecimento.

Por muito tempo grandes e imponentes edificações serviam como um marco na memória das gerações sucessoras, (mas que passaram a ser considerados históricos a partir do século XX, quando os historiadores, a partir do contexto histórico de cada edificação, selecionaram dentre as diversas construções, aquelas que apresentavam um significativo valor para a construção da História de cada nação respectiva. Nesse período o monumento perde sua função memorial e, surge o conceito do monumento histórico, definição que ganha força a partir da Revolução Francesa. Em um primeiro momento o patrimônio passa a ser compreendido como um bem de valor material e simbólico para uma comunidade, o monumento enquanto memória, em um segundo momento, o como “aquilo que é determinado como patrimônio é o excepcional, o belo, o exemplar [...]”, e uma terceira categoria de concepção, a “criação de instituições patrimoniais além de legislação específica”

para sua conservação (FUNARI; PELEGRINI. 2009, p. 20).

É durante a Revolução que o vandalismo se amplia, inúmeros monumentos são destruídos, um vandalismo que Choay classifica como ideológico. Segundo ela, as destruições das imagens monárquicas são “atos de destruição republicanos” e devem-se a uma opinião pública, tais destruições pretendiam “acabar com uma cultura elitista e substituí-la pela dinâmica de uma cultura igualitaria” (CHOAY. 2001, p. 110). A historiadora cita os vandalismos legalizados contra os patrimônios, aqueles em que compradores desses bens, destroem os monumentos ou modificam completamente suas estruturas para fins comerciais por exemplo.

Mas a consciência sobre a importância da preservação dos monumentos antigos, fez com que a França criasse e estabelecesse, também durante o período de Revolução, as primeiras ‘normas’ sobre preservação e conservação dos monumentos, pois compreendem e consideram que “a qualquer século que pertençam [...] os monumentos são testemunhos irrepreensíveis da História.” (CHOAY. 2001, p. 117). Testemunhos que permitem que múltiplas histórias foram e possam ser ali construídas, histórias políticas, artísticas e de costumes.

Uma convenção relativa a proteção do patrimônio mundial cultural, adota em 1972 durante uma assembléia, que reuniu as nações integrantes da ONU – Organização das Nações Unidas- estabeleceu um conjunto de obrigações, para toda a coletividade internacional, medidas que visavam a proteção, valorização, conservação e a “transmissão do patrimônio [...] às futuras gerações.” (CHOAY. 2001, p. 208).

A guarda e a preservação de tais bens patrimoniais, foram e ainda são, repletas de dificuldades de ordem prática. Manter ou conservar as estruturas materiais das edificações se torna muitas vezes demasiadamente onerosos para que a comunidade possa mantê-la. Neste momento surge a necessidade de decidir de maneira rápida, “e de forma que resguarde o interesse coletivo”, o destino dos objetos “que se tornaram patrimônios” (CHOAY. 2001, p. 100). Em muitos casos, passa a ser necessário “inventar novos usos para os edifícios que haviam perdido sua destinação original” (CHOAY. 2001, p. 105). A reutilização do monumento histórico, que pretende reintegrar um edifício desativado a uma utilização normal, trata-se de uma “operação difícil e complexa” que precisa considerar as condições de seu estado material, e o fluxo de pessoas que irá passar a frequentar o espaço. Porém, é “difícil garantir que essa reutilização seja rentável” sem que cause prejuízo

a sua estrutura (CHOAY. 2001, p. 221) uma vez que, novas utilizações pudessem exigir alterações e extinções em elementos originais do prédio, tornando-o no que Choay descreve como “uma caixa vazia de seu conteúdo (p. 221). Assim ela afirma que os monumentos históricos só podem ser “conservados e integrados à vida contemporânea se sua nova destinação for compatível com sua morfologia e com suas dimensões” (CHOAY. 2001, p. 236).

Através das leituras de Pedro Paulo Funari e Sandra A. Pelegrini, percebemos o momento em que o conceito de patrimônio, antes privado, passa a se tornar coletivo. É no surgimento dos Estados nacionais, quando as grandes coleções artísticas e os monumentos são retirados da esfera privada e passam a compor o tesouro de toda uma comunidade, toda uma nação. O conceito de nação, ainda recente no pós Revolução Francesa, era complexo, pois, em muitas regiões o que definia a identidade de um grupo, era o pertencimento a uma monarquia. Com línguas, costumes, crenças e condições sociais diferentes, a única relação comum que possuíam, era um rei.¹⁵

Com o fim da monarquia e o nascimento dos Estados nacionais, era necessário que os cidadãos partilhassem uma cultura, para que pudessem começar a se ver como parte dessa nação; precisavam partilhar costumes, línguas e tradições. No início “foram necessárias políticas educacionais que difundissem, já entre as crianças, a ideia de pertencimento a uma nação” (FUNARI; PELEGRINI. p. 17). Tal processo é conhecido pela antropologia como “endoculturação” (LARAIA. 2001. p. 19 e 20), ao qual todo ser humano pode ser ‘educado’ a uma cultura. De acordo com Funari/Pelegrini (p. 17):

a importância de uma cultura nacional [...] não podia prescindir de suas bases materiais, seu patrimônio nacional. Assim começa a surgir o conceito de patrimônio que temos hoje, não mais no âmbito privado [...] mas de todo um povo.

A ideia do patrimônio como um legitimador das identidades nacionais, acabou por gerar sentimentos de nacionalismo exacerbados em muitas nações. Após a Segunda Guerra Mundial, conflito marcado por tais sentimentos e por suas trágicas consequências, as nações vêm a necessidade de estabelecer direitos e deveres de

¹⁵ Como o reino espanhol, cujos territórios excediam o continente Europeu.

todos os cidadãos, de todas as nações, uma necessidade de reconhecer e respeitar os hábitos e culturas de cada povo e, principalmente, das diferenças entre esses povos.

No ano seguinte ao término do conflito, em 1946, é criada pela ONU, a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, à Ciência e a Cultura. Segundo Silvia Helena Zanirato (2006, p. 255):

As prerrogativas da Unesco ganharam especial sentido após a emissão da Declaração Universal dos direitos humanos em dezembro de 1948, que estabeleceu o direito à educação e a cultura como prerrogativas mundiais.

Com a aceleração da urbanização do século XX, a cidade com seus monumentos, suas construções que misturam o moderno e o antigo, passaram a compor uma paisagem que começa a ser considerada um lugar histórico. Suas arquiteturas e edificações, as práticas sociais realizadas, a tornam um espaço “não homogeneizado e articulado, mas antes um mosaíco muitas vezes sobreposto, que expressa tempo e modos diferenciados de viver” (ZANIRATO. 2006, p 254).

A partir dessa nova perspectiva, toda a cultura de um povo, “esse modo de vida das comunidades”, os “modos de organização econômica” as formas de “agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas” (LARAIA. 2001, p. 62). Tudo aquilo que “envolve a produção e a reprodução das culturas” que, também podem ser “expressas nos modos de uso dos bens”, foi agregado a definição de patrimônio. Como afirma Zanirato (2006, p. 251):

De um discurso patrimonial referido aos grandes monumentos do passado, interpretados como fatos destacados de uma civilização, se avançou para uma concepção de patrimônio entendido como o conjunto dos bens culturais, referente as identidades coletivas. Desta maneira, múltiplas paisagens, aquiteturas, tradições, gastronomias, expressões de arte, documentos e sitios arqueológicos passaram a ser reconhecidos e valorizados pelas comunidades e organismos governamentais na esfera local, estadual, nacional ou internacional.

O conhecimento e a valorização dessa ampla gama de bens oriundos do saber, práticas e tradições populares ampliou a concepção sobre o patrimônio cultural enquanto parte importante da escrita da História. Mas também a herança que recebemos de nossos antepassados, aquelas que não são materiais mas

também tem essencial importância na maneira como, individual ou coletivamente, atuamos na sociedade. Elas fazem parte de um bem intangível que o antropólogo Jose Reginaldo Santos Gonçalves define como (Apud. ABREU; CHAGAS. 2003. p. 30):

De certo modo, essa noção expressa a moderna concepção antropológica de cultura. Segundo ela, a ênfase está nas relações simbólicas, mas não nos objetos e nas técnicas. A categoria “intangibilidade” talvez esteja relacionada a esse caráter desmaterializado que assumiu a referida moderna noção antropológica de cultura.

Essa infidade de ensinamentos e lições de vida, as maneiras de fazer, de prestar culto, de comemorar, sofrer luto, de nos alimentar, aquilo que nos foi passado por nossos antecedentes, constitui um inestimável tesouro que precisa ser conservado, logo passa a ser considerado como patrimônio imaterial cultural.

3.1 O PROJETO VELHO CINEMA NOVO

O projeto governamental Velho Cinema Novo, desenvolvido durante o governo de Jaime Lerner no ano de 2002, pretendia ampliar e valorizar a cultural no estado do Paraná. O contexto nacional em que se desenvolveu o projeto era um momento delicado, momento em que o cinema brasileiro passava. De acordo com as documentações do Patrimônio Público do Paraná, o Cinema brasileiro passava, após perder a principal instituição de apoio a CONCINE – Conselho Nacional de Cinema- onde empresas de importação e de produção cinematográfica, procuravam apoio nacional e investimentos governamentais para o crescimento do setor no país. O início de uma crescente devalorização do cinema, uma queda de público, aliada a falta de modernização dos equipamentos cinematográficos e o fechamento de sua principal instituição de apoio, o Concine, que auxiliava essas empresas. Em 2000, houve o Congresso Nacional do Cinema brasileiro que discutiu a importância da valorização da indústria cinematográfica. Em 2000, houve o CNCB (Congresso Nacional do Cinema Brasileiro) que discutiu a importância do cinema para o país. No ano seguinte o movimento conseguiu propor parcerias com o governo federal para o financiamento do setor que seria benéfico para o Brasil. No estado do Paraná grupos

do mesmo movimento também se organizaram. O SIAPAR -Sindicato da Indústria Audiovisual do Paraná- trabalhou no sentido de angariar força para os movimentos nacionais. Logo a secretaria de cultura do estado, amparada pela política estadual de incentivo à cultura, se adianta ao cenário nacional com a elaboração de projetos como o Velho Cinema Novo, utilizando para isso o Fundo Estadual de Desenvolvimento Urbano – FDU¹⁶ - que tinha como principal função financiar projetos estaduais voltados para o desenvolvimento e equipação da área urbana, componente que compreendia saúde, educação, ação social, esporte e lazer e a cultura.

O projeto é apresentado nas documentações oficiais¹⁷, no sumário executivo onde suas informações gerais são apresentadas, como uma intervenção do governo estadual para revitalização de espaços considerados patrimônios culturais do Paraná. No sumário executivo que descreve o projeto oficial é observável que, por patrimônio estão sendo considerados, pelo governo estadual, as edificações dos cinemas históricos, quase todos construídos nas décadas de 30, 40 e 50, ao longo do território paranaense. Tais edificações são consideradas patrimônios culturais por terem feito parte importante da história da comunidade em que estão inseridos. No passado, quando exibiam os mais diversos filmes, foram responsáveis pelo surgimento de um hábito cultural, ir ao cinema. O encontro de pessoas e as trocas sociais, foram possíveis a partir desses espaços.

Somados a essas práticas sociais, os prédios, as edificações se tornaram “bens materiais, tangíveis e intangíveis”, considerados “manifestações ou testemunho significativo da cultura humana” (Apud. ZANIRATO; RIBEIRO. 2006 p. 252), uma parte da memória dos agentes sociais e culturais que a compõe, coletividades “constituídas por grupos diversos, em constante mutação” (PELEGRINI; FUNARI. 2009, 9-10). Assim, a importância do projeto governamental em preservar tais patrimônios estaria na necessidade de conservar esses testemunhos da História de cada cidade, além de revitalizar os espaços públicos

¹⁶ Fundo de desenvolvimento urbano composto por impostos e transferências federais.

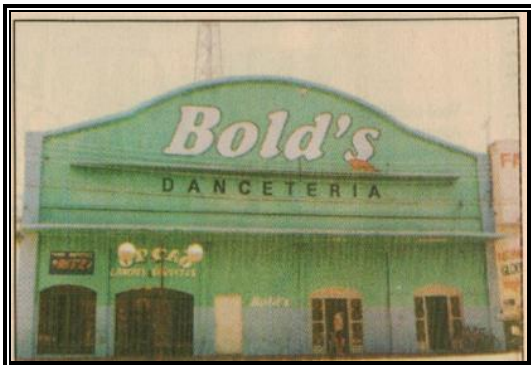
¹⁷ Documentação analisada: projeto inicial com objetivos, metas e justificativa; pautas de reuniões; planilhas do conteúdo dos prédios, de materiais necessários para as reformas; planilhas com contato dos profissionais responsáveis pelas obras; planejamento de marketing; estudo sobre história dos patrimônios; projeto de sustentabilidade econômica; projeto de circuito de ações culturais; folders de apresentação; documentos sobre os planos de desenvolvimento urbano; alteração da lei que mudava atribuições do Eco Paraná para Eco Paraná cultural; cópia do decreto 4905 de 2001 que instituiu o programa de revitalização cultural do estado do Paraná; reportagens de jornais e matérias de sites sobre o projeto; e planilhas de acompanhamento das obras.

tornando-os acessíveis à comunidade para que, elas possam construir novas relações com o patrimônio e novas relações culturais.

Inicialmente o projeto visava reformar onze edifícios de antigos cinemas e dois centros culturais, as cidades escolhidas foram: Andirá, Apucarana, Arapongas, Castro, Guaíra, Jacarezinho, Lapa, Loanda, Londrina, Morretes, Ponta Grossa, Rio Negro e União da Vitória. As edificações em sua grande maioria encontravam-se em estado de deterioração, núcleos de vandalismo e criminalidade, outra parte estava sendo utilizada para finalidades comerciais, como podemos observar nas imagens 3 e 4 publicadas no jornal Gazeta do Povo no ano de 2002.

Na Figura 3 o antigo cinema da cidade de Guaíra estava sendo utilizado como danceteria, enquanto o cinema da cidade da Lapa estava abandonado e acabou se transformando em depósito (Figura 4):

Figura 3 – Cine Sete Quedas em Guaíra



Fonte: Jornal Gazeta do Povo, caderno geral, 2002.

Figura 4 – Cinema Imperial na cidade da Lapa



Fonte: Jornal Gazeta do Povo, manchete, 2002

No caso da cidade de Apucarana, o antigo cinema encontrava-se desativado porém seu espaço já estava sendo utilizado para algumas apresentações artísticas promovidas em geral pela Secretaria Municipal da Cultura. Conforme a edição do jornal Tribuna do Norte nº 3432, do dia 28 de agosto de 2002, mais de 40 apresentações foram realizadas no cine, e também algumas palestras e eventos organizados pela prefeitura, ou seja, sua estrutura física não se encontrava totalmente deteriorada. A reforma do prédio foi voltada para uma mudança de estrutura, que pudesse abrigar também atividades teatrais e de música. As edificações em geral, receberam reforma estrutural, instalação de equipamentos cinematográficos modernos e construção de foyers, espaços para as apresentações

cênicas. Também consta nos projetos a reforma, e/ou construção de locais comerciais dentro dos prédios.

A intenção do governo ao incluir nos projetos esses locais comerciais, como consta nas documentações, baseava-se na idéia de sustentabilidade econômica dos teatros. Através de parcerias com os empresários, e também da locação dos cines-teatros para eventos particulares (palestras, premiações, eventos empresariais) os municípios poderiam ser capazes de continuar gerindo os Cine teatros sem gerar um custo oneroso para as prefeituras. Dentro desse contexto foram revitalizadas, na cidade de Apucarana, os dois comércios que ficam ao lado da entrada do teatro, a livraria e papelaria Globo e o restaurante A Holandesa, principal ponto de encontro noturno da juventude atual.

Importante explicitar que a prefeitura não vendeu os espaços, apenas alugou os locais que, desde de 1999 pertencem ao município. O antropólogo Antonio Augusto Arantes, em seu artigo intitulado 'Repensando os aspectos sociais da sustentabilidade: a conservação integrada do patrimônio ambiental urbano', fala sobre a necessidade em planejar práticas preservacionistas levando em conta a dinâmica social que tal patrimônio abrange e, quais os desafios econômicos terá de enfrentar. Assim sendo, a iniciativa do projeto Velho Cinema Novo em desenvolver uma sustentabilidade aliada ao comércio e aos empresários, é uma forma de auxiliar economicamente a administração dos municípios a manter o patrimônio sempre preservado e, através de eventos particulares, ter a oportunidade de beneficiar ainda mais a comunidade em geral com outros eventos públicos, em que os custos seriam parcialmente pagos pelas eventos privados. Essa iniciativa torna a participação nas mais diversas apresentações, mais acessível a toda a comunidade. Arantes cita os conceitos de base que considera fundamentais para essa ação (ARANTES.1999, p. 122-123):

1. **Compatibilidade entre**, por um lado, **o atendimento das necessidades básicas** e as **exigências contemporâneas da vida humana e da economia [...]**.
2. O atendimento das necessidades atuais **deve contemplar a conservação**, e, na medida do possível, **a ampliação dos recursos a serem utilizadas pelas gerações futuras [...]**
3. A **integração entre conservação e planejamento urbano**, partindo da singularidade das áreas preservadas no contexto mais amplo da cidade. (Grifos meus)

As revitalizações dos prédios tombados, como eram os casos do Cine Ouro Verde em Londrina, e do Cine Luz em União da Vitória, não sofreram alterações em seus aspectos originais, foram apenas revitalizados, os outros prédios porém, foram amplamente modificados. No Cine Fênix por exemplo, os 900 lugares foram reduzidos para 550, foi acrescentado um amplo palco, dois camarins e um cyber café, além da área administrativa que, passou a funcionar no primeiro andar onde nos anos 1990, funcionavam as salas comerciais. A reforma foi uma reestruturação que integrou a conservação do patrimônio e as 'exigências contemporâneas'. As novas utilizações do espaço que, novas gerações, poderão utilizar (ARANTES. 1999, p. 122).

O projeto também pretendia, inicialmente, desenvolver um circuito estadual de cinema que levaria várias produções de sucesso nacionais e internacionais aos novos prédios após a reforma. Ainda dentro do conceito de melhoria e ampliação cultural para a população, o estado deveria providenciar licitações entre empresas fornecedoras de filmes para que essas prestassem serviços às prefeituras. Tal iniciativa não chegou a beneficiar a cidade de Apucarana que, após a restauração pouco utilizou o espaço para exibições cinematográficas. Um circuito de artes cênicas também foi planejado, mas não foram obtidos resultados sobre tal circuito¹⁸.

O jornal Tribuna do Norte, dirigido pelo empresário Baltazar Eustáquio de Oliveira, publicou diversas matérias durante o ano de 2002 acerca do projeto Velho Cinema Novo e a revitalização do antigo cinema. A publicação nº 3379 do dia 26 de maio de 2002, trazia na página 10 do caderno Cidades uma interessante matéria sobre o tema da reforma. Segundo o jornalista Fernando Klein o então prefeito da cidade, Valter Pegorer (PMDB), pretendia ampliar o projeto governamental em Apucarana. Pegorer pretendia transformar todo o prédio em um centro cultural. No mesmo prédio funcionaria a biblioteca municipal Monteiro Lobato (que funciona atualmente na praça 28 de Janeiro), o Museu municipal David Carneiro Neto, desativado no ano 2000, cujo acervo encontra-se guardado em uma sala da FECEA - Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana - além da construção de uma galeria para exposições de arte. Para tanto em 2002, Pegorer solicitou ao governo parte da verba disponibilizada para o projeto para comprar as salas do

¹⁸ As documentações analisadas tratam apenas das restaurações e de planos futuros para elaboração desse projeto. Nenhum documento apresentando orçamentos ou programação foi encontrado.

antigos proprietários. De acordo com a declaração do prefeito, como o cinema já pertencia ao município, ele decidiu adquirir as salas comerciais para que o prédio funcionasse especificamente para atividades culturais, para ele o projeto de criação de um centro cultural iria incentivar a cultura e arte na cidade.

O jornal foi a mais ampla fonte divulgadora do projeto na cidade de Apucarana. Sendo o principal periódico levava notícias diárias a leitores com diferentes poderes de aquisição, sendo portanto importante formador da opinião pública apucaranesa, nele são divulgados e veiculados matérias políticas, esportivas e também colunas sociais que exibem eventos das “socialites” das cidades de toda a região. Como afirma Elzio Marson (2005, p. 16) “A produção jornalística considera a opinião formulada pelo jornalista, por isso passa a ser carregada de implicações e ideologias que pretende estender ao público leitor.”

O editor chefe do jornal, Baltazar Eustáquio, de acordo com uma matéria do site da Assembléia Legislativa do Paraná¹⁹, é um homem de importantes relações com a prefeitura da cidade de Apucarana. Ela teria apoiado e auxiliado em muitos projetos e solicitações importantes para a cidade, participou de muitas conquistas para os apucaraneses. A participação do sr. ‘Taquinho’ na administração da cidade foi tão influente que ele recebeu em 2014, pela Assembléia Legislativa do estado o título de Cidadão Benemérito do Paraná. O título foi proposto pelo deputado do PSDB, Evandro Junior que o considera uma importante figura no cenário político da cidade e do estado. Dada a posição da editoria do jornal, extremamente ligada aos partidos políticos das administrações municipais e governamentais, observada na matéria de Nádia Fontana para o site da Assembleia Legislativa do Paraná e da Revista Vivo Apucarana de 1994, podemos questionar os motivos pela qual as matérias do jornal sempre veiculavam as informações sobre a reforma de maneira a exaltar a iniciativa, como se essa fosse inteiramente do governador Jaime Lerner, fato que não é verídico como podemos apontar no contato com as documentações oficiais da secretaria estadual da cultura.

O projeto foi uma iniciativa da secretaria para desenvolver a cultura no estado como um todo, o governador colaborou para a execução do projeto, mas não o elaborou. As Figuras 5 e 6 ilustram as afirmativas sobre as publicações do jornal.

¹⁹ Matéria informativa sobre parlamentares e cidadãos homenageados no estado. Acessado em 02 set. 2014. Disponível em: <http://www.alep.pr.gov.br/sala_de_imprensa/noticias/22363-assembleia-entrega-titulo-de-cidadao-benemerito-ao-jornalista-baltazar-eustaquio-de-oliveira>.

Nota-se como a figura do governador e do prefeito estão bem ressaltadas nas fotografias escolhidas para a matéria, tal como o nome de Jaime Lerner que aparece destacado na manchete do periódico:

Figura 5 – Entrega do Cine Teatro Fênix



Fonte: Jornal Tribuna do Norte nº 3560 2002

Figura 6 – Entrega do Cine Teatro Fênix – detalhe



Fonte: Jornal Tribuna do Norte nº 3560 2002

Ao enfatizar a figura do governador e do prefeito, não citando por exemplo, o trabalho da secretária estadual da cultura no ano de 2002, Monica Richbieter (que, aparece em poucas publicações e foi fundamental para o planejamento) nem de outros tantos nomes que estiveram presentes em reuniões que definiram os caminhos que o projeto percorreria em todas as cidades (não é em nenhum

momento citados os profissionais envolvidos neste que, foi um projeto de grande importância para o estado), a ideia que o jornal passa ao leitor é de que foram os governantes, tanto os prefeitos quanto o governador, que escreveram, organizaram e compuseram o projeto por suas próprias mãos, quando esses nem mesmo estiveram presentes nas principais reuniões que decidiram vários aspectos das reformas.

Ao se trabalhar com o jornal como fonte é essencial levar em conta, como afirma Luca (LUCA. 2005, p. 140) “a ênfase em certos temas, a linguagem” utilizada e a “natureza do conteúdo” que não estão dissociados do público leitor que o periódico pretende atingir; também deve ser cuidadosamente analisado as “ligações cotidianas” com diferentes poderes e interesses financeiros” que podem também influenciar as matérias publicadas. É como podem-se observar no caso do jornal Tribuna do Norte, e a forte relação do seu editor-chefe e dono, com as administrações municipais e estaduais.

A reforma no cine teatro modificou toda a sua fachada do edifício, além do espaço interno; sua ‘imagem’ foi modernizada. Foram instalados modernos equipamentos de iluminação e som além de equipamentos para troca de cenários e abertura da cortina principal, as cadeiras de madeira foram trocadas por cadeiras almofadadas, os camarins, acrescentados ao prédio, receberam no espaço espelhos e iluminação próprios. O local também recebeu adequações para receber cadeirantes como a rampa de acesso ao espaço central. Nas Figuras 7 e 8 podemos observar mudanças de estrutura da fachada do prédio:

Figura 7 – Fachada Cine Fênix 1953



Fonte: Plantas arquitetônicas prefeitura.
Figura 8 – Fachada atual cine teatro Fênix



Fonte: Acervo pessoal

O Cine Teatro Fênix foi entregue no dia 28 de dezembro de 2002, após três meses fechado para reforma e, de acordo com a edição nº3560 do dia 29 de dezembro de 2002, do jornal Tribuna do Norte, sua reabertura contou com uma programação cultural diferenciada para qual a população foi convidada a participar, as entradas para os eventos foram cedidas em troca de alimentos que foram posteriormente doados a instituições de caridade da cidade. De acordo com a afirmação do secretário da cultura, Orisvaldo César a prefeitura não queria privilegiar apenas um grupo, como ele diz em uma entrevista ao jornal Tribuna do norte²⁰ em dezembro de 2002:

Procuramos inovar e não cair no erro, mesmo que involuntário, de privilegiar somente um grupo. Assim para adquirir um convite e participar da grande noite, bastou o interessado dirigir-se à uma das rádios e trocar a entrada por um quilo de alimento.

Estiveram presentes no evento e reabertura, o governador Jaime Lerner, o prefeito Valter Pegorer e a secretária estadual da cultura Monica Richbieter. Inicialmente a festa de inauguração pretendia levar a cada cidade um ator que seria padrinho dos cinemas, mas isso acabou não ocorrendo. Os eventos comemorativos da inauguração duraram o dia todo e, incluíram apresentações de ballet clássico, de piano e exibições de grandes sucessos do cinema brasileiro como o filme Central do

²⁰ Jornal Tribuna do Norte, ano XII, nº3559, pagina 1 caderno cidades, 28/12/2002.

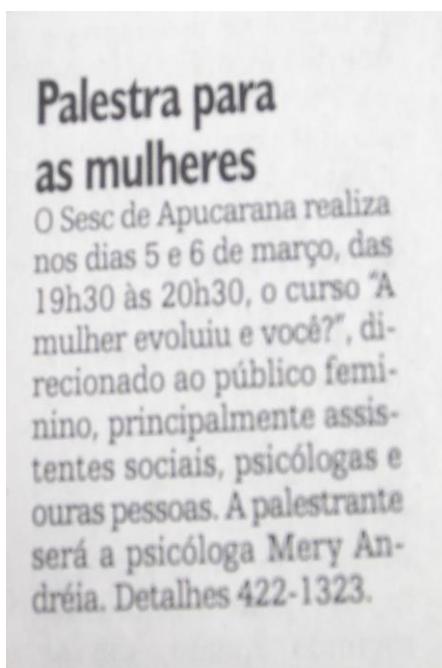
Brasil estrelado pela atriz Fernanda Montenegro.

Os principais artistas que se apresentaram neste dia, eram apucararenenses, como a professora de piano Hide Sadamatsu. O Centro cultural, projeto iniciado pelo prefeito Valter Pegorer que centralizaria no prédio do cine teatro o museu e a biblioteca municipal, não foi concluído até os dias atuais, e o prédio continua inacabado. Atualmente, apesar de não contemplar todas as atividades culturais da cidade, o Cine Teatro Fênix é o principal centro onde a maior parte delas ocorre. A reforma do projeto Velho Cinema Novo, proporcionou um local amplo e apropriado para diferentes expressões culturais, sejam elas eruditas ou populares. A revitalização influenciou para uma nova maneira da comunidade se relacionar com o patrimônio, e assim ampliar sua cultura.

4. A AMPLIAÇÃO DAS ATIVIDADES CULTURAIS A PARTIR DO PROJETO “VELHO CINEMA NOVO”

Antes do ano 2002, a cidade não possuía um centro ou um espaço específico para apresentações artísticas como teatro ou recitais de música. As atividades culturais, em sua maioria, apresentações de escolas municipais, aconteciam em variados locais, dentre eles o salão do SESC (Serviço Social do Comércio), o ginásio esportivo municipal Lagoão e nas quadras esportivas das próprias escolas. Como podemos observar nas publicações do Jornal Tribuna do Norte anteriores ao projeto Velho Cinema Novo (com as Figuras 9 e 10,) o dia da mulher, das mães, apresentações folclóricas e outras eram divididas e distribuídas pelos espaços disponíveis na cidade:

Figura 9 – Publicação ed. nº3309



Fonte: Jornal Tribuna do Norte de 3 de março de 2002.

Figura 10 – Publicação ed. nº3312



Fonte: Jornal Tribuna do Norte de 7 de março de 2002.

Depois de 1994, quando prefeitura adquiriu o cinema com a pretensão de transformá-lo em casa de cultura, conforme a reportagem publicada na página 291 da revista Vivo Apucarana, os teatros religiosos e as danças folclóricas das escolas públicas passaram a ocorrer nesse espaço, pois, ainda que não apresentasse uma estrutura adequada, possuía um palco que foi utilizado para essa finalidade. Durante

o ano de 2001 e 2002, depois de ter sido desativado pela prefeitura em 1999, o Cine Apucarana teve seu espaço ocupado especialmente para esse tipo de apresentação. Mesmo sem condições estruturais para abrigar grandes eventos, tais atividades passaram a ser desenvolvidas ali, e não foram somente apresentações de dança, mas também shows de talentos da região, incentivado pela administração da cidade, e até mesmo o PROERD - Programa Educacional e de Resistência as Drogas - da policia militar, aconteceram nesse local. Nas Figuras das publicações abaixo, podemos observar como esse espaço foi reapropriado pela comunidade:

Figura 11 – Publicação ed. nº3408



Fonte: Jornal Tribuna Do Norte,
30 de junho de 2002.

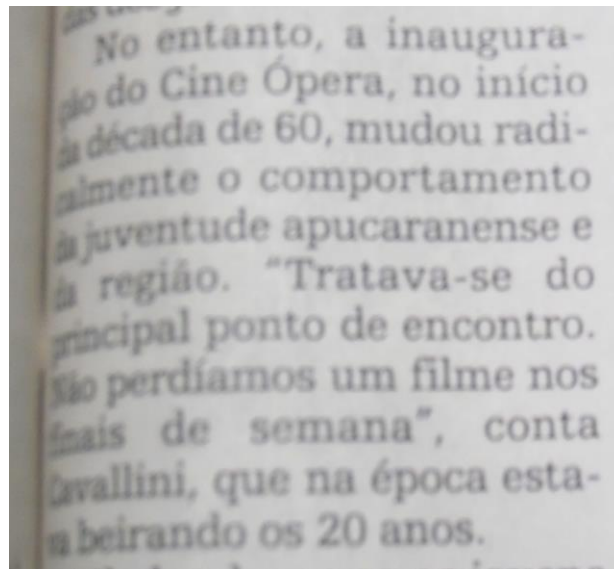
Figura 12 – Publicação ed. nº3374



Fonte: Jornal Tribuna do Norte,
21 de maio de 2002.

A partir da observação dessas publicações, podemos analisar e verificar uma reutilização do espaço onde originalmente funcionava o maior cinema da região na década de 1950, pode-se verificar uma mudança de hábitos do moradores da região, o local passa a ser o encontro de pessoas de diferentes poder aquisitivo, de famílias que não tinham o costume de frequentar qualquer espaço cultural.

O famoso Cine Fênix era ponto de encontro da juventude de classe média, de acordo com a declaração de Cavallin Pinto a uma reportagem do jornal Tribuna do Norte, edição nº3281:

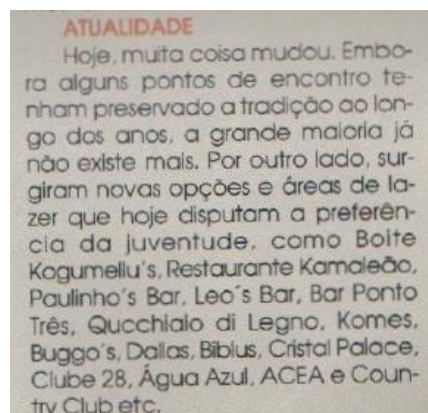
Figura 13 – Publicação ed. nº3281

Fonte: Jornal Tribuna do Norte
27 de janeiro de 2002.

Com a modernização da indústria cinematográfica, e o desenvolvimento da cidade, novas formas de lazer surgem no decorrer dos anos, o que diversifica as práticas culturais. Nas décadas de 50 e 60, surgem sorveterias, lanchonetes, bares e danceterias que atraem o público jovem e passam a ser novos pontos de encontro, a revista Vivo Apucarana, produziu uma matéria sobre esses novos lugares, pontos de encontro da juventude apucaranesa, como podemos verificar de acordo com as Figuras 14 e 15 que mostram esses novos espaços de socialização.

Figura 14 – Revista Vivo Apucarana

Fonte: Revista Vivo Apucarana

Figura 15 – Revista Vivo Apucarana

Fonte: Revista Vivo Apucarana

Na década de 1990 o cinema, já renomeado de Cine Apucarana, perde parte do seu público de classe média, devido a essa ampliação de espaços de lazer na

cidade, e ao mesmo tempo abre as portas para que a parcela da população de menor poder aquisitivo, possa participar das sessões filmográficas a preços mais baixos. Essa ação acaba integrando essa parcela da comunidade, que antes tinha pouco acesso à cultura do cinema; porém, perdem esse acesso quando a prefeitura, optando por não concorrer com os grandes empresários que haviam investido em novas salas de cinema no shopping da cidade, fecham as portas do Cine Apucarana. A proposta do então prefeito era de transformá-lo em um local específico para atividades culturais. O projeto Velho Cinema Novo, vem para coroar a ideia pré-existente de uma valorização cultural da cidade.

A iniciativa governamental de reestruturar os patrimônios culturais das cidades do estado do Paraná, no caso da cidade de Apucarana, foi essencial para sanar a necessidade de um espaço de compartilhamento de novas práticas culturais e encontros sociais. Ao adquirir o prédio para uso público a prefeitura já havia feito uma releitura da utilização de seu espaço, que antes era dominado majoritariamente pela população com maior poder aquisitivo, passa também a possibilitar que outra parcela possa participar da cultura artística da cidade.

Por outro lado o projeto Velho Cinema Novo permitiu que, através de uma nova estrutura que deu suporte para eventos de grande porte, essa parcela social pudesse ter contato com elementos culturais como teatro, apresentações de orquestras sinfônicas, apresentações de dança variados. A junção das duas iniciativas deu ao morador apucaranesense a oportunidade de ampliar suas percepções culturais e também a chance de fazer parte delas, como o caso da criação da escolas municipais de Dança e Teatro, que só puderam ser criadas a partir do momento que possuíam uma estrutura para funcionar.

A reestruturação dos locais a serem preservados, a valorização patrimonial através das reformas, segundo o antropólogo Arantes, precisam levar em consideração a relação que o patrimônio possui com a comunidade que o cerca, para que essa preservação possa fazer sentido a essas pessoas e, para que assim elas possam, não apenas se beneficiar de sua existência mas também para que construam a consciência da importância da preservação a partir de suas próprias ações.

A partir do ano de 2003, o Cine Teatro Fênix passou a concentrar a maior parte do eventos públicos da cidade, apresentações religiosas, como autos de Natal, Paixão de Cristo e diversas comemorações como, Dia das Mães e dos pais, além de

eventos como o dia Internacional das Mulheres que sempre conta com uma agenda voltada para o público feminino.

Atualmente, conforme podemos observar abaixo na agenda de eventos do cineteatro durante o mês de outubro de 2013, vários outros eventos e datas tem sido realizados nas dependências do Cine teatro Fênix, como a sequência de eventos de conscientização a prevenção a câncer de mama, que teve algumas de suas atividades centradas ali:

Programação do “Outubro Rosa” em Apucarana²¹.

09 de Outubro de 2013 – 15h

CINE TEATRO FÊNIX

Cozinha Rosa – Curso de Culinária com pratos práticos

Denilson Fukushima – instrutor do SENAC

Palestra ALIMENTAÇÃO PARA PREVENÇÃO DO CÂNCER

Patrocínio – MOLICENTER

10 de Outubro de 2013 – 19h30

CINE TEATRO FENIX

Debate sobre o Câncer – Aspectos sobre o Câncer Feminino

Dr. Bruno Pozzi - Oncologista

Dra. Corina August Siemens Monteiro de Mello - Oncologista

Dra. Maria Laura Garcia Sapia Monteiro – Psico-oncologista

Participação do coral do EDHUCCA

CINE TEATRO FENIX

GRUPO CHORUS – SHOW MUSICAL

ENTRADA FRANCA

Atrações das mais variadas já tomaram o palco do cineteatro desde apresentações da Orquestra Sinfônica do Paraná, apresentações teatrais e de dança

²¹“Outubro Rosa” reúne mulheres no Cine Fênix. Acessado em: 17 out de 2014. Disponível em: <<http://www.apucarana.pr.gov.br/noticias/747/ldquooutubro-rosardquo-reune-mulheres-no-cine-fenix.html>>.

da Companhia de Teatro Guaíra, ballet clássico e expressão corporal, e inclusive apresentações de *Stand-up*²², atualmente uma tradição dos finais de semana na cidade. As entradas para a maioria desses eventos, quando organizados pela prefeitura ou pelo governo, possuem valores acessíveis as pessoas de baixo poder aquisitivo, oferecendo também a 'meia entrada' para estudantes e aposentados.

Apresentações de instituições particulares também estão sempre presentes na agenda do teatro, como forma de obter um rendimento para ajudar a manter o espaço. Conforme o projeto Velho Cinema Novo já pretendia, a prefeitura aluga o espaço para diferentes eventos privados, palestras e eventos empresariais, formaturas dos vários colégios particulares e públicos²³ e também das faculdades da cidade, apresentações folclórica das escolas fundamentais particulares, homenagens políticas a administradores, como exemplo a homenagem a Baltazar Eustáquio no início do ano de 2014, eventos do estado, como o CONAE – Conferência Nacional da Educação – um encontro de educadores do Paraná, entre outras apresentações e eventos da cidade²⁴.

A partir da reestruturação do espaço e do projeto de ampliação cultural que veio no bojo deste, aliado a políticas que se voltaram para a necessidade de prover a todos da comunidade, uma oportunidade de participar de eventos culturais diversos, também se nota uma mudança nos hábitos culturais dessa comunidade. Se antes a cultura de ouvir uma música clássica ou assistir a uma apresentação de ballet, era restrita a um grupo que possuía condições financeiras para sair da cidade e ir ate um teatro nas regiões vizinhas, agora essa oportunidade era oferecida a uma diversidade de pessoas que não possuíam as mesmas condições socioeconômicas. Esse fator também foi essencial para ampliar a cultura na cidade de Apucarana.

Atualmente, o Cine teatro Fênix recebe eventos culturais em parceria com a Universidade Estadual de Londrina, como podemos verificar na agenda de eventos do portal da universidade e da agenda virtual do teatro que funciona no site da rede social *facebook* do Cine Fênix. Uma parceira com a prefeitura de Londrina, estende eventos culturais à Apucarana, a exemplo da extensão do Festival de Música de

²² Comédia stand-up1 (do inglês stand-up comedy) é um termo que designa um espetáculo de humor executado por apenas um comediante, que se apresenta geralmente em pé (daí o termo 'stand-up'), sem acessórios, cenários, caracterização, personagem ou o recurso teatral da quarta parede, diferenciando o stand up de um monólogo tradicional.

²³ Os colégios públicos precisam alugar o local para formaturas tal como os colégios particulares.

²⁴ O concurso de beleza anual Miss Apucarana é um exemplo dos eventos que se tornaram tradicionais na cineteatro.

Londrina – *FML*- que levou a seu palco, em 2013, a banda Chorus²⁵. Atualmente os apucaraneenses já estão habituados a ir ao cine teatro assistir aos shows de *Stand-up* que ali se realizam mensalmente. Já se tornou tradicional, reunindo ‘pobres’ e ‘ricos’, herdeiros dos pioneiros ou dos moradores que não tem seus nomes citados em livros ou monumentos. Dois grupos economicamente diferentes que podem partilhar o mesmo espaço, que antes era ocupado apenas pela elite da cidade.

²⁵ Tal informação não aparece na agenda do teatro, mas, foi muito ressaltada antes da apresentação da banda no dia em que ela ocorreu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas desse trabalho, procurou-se entender o conceito de patrimônio e a importância de sua conservação, não apenas como memória, mas também na relação que possui com a comunidade na qual esta inserido, a relação cultural com a edificação.

Enquanto patrimônio o Cine Teatro Fênix foi utilizado de duas formas diferentes. Compreender a mudança no modo de produzir cultura, que essa alteração desencadeou no grupo social, no caso os moradores da cidade de Apucarana, é essencial para construir a história da região que, ainda possui tão pouco escrito sobre ela. No caso da historiografia sobre a cidade de Apucarana, ainda há um enorme caminho a ser percorrido, na tentativa de desconstruir a história tradicional progressista a fim de trazer a luz a história dos 'esquecidos'. A história oral, talvez seja um dos melhores métodos para se alcançar tal objetivo.

Infelizmente não foi possível localizar vários documentos que seriam de essencial importância para esta pesquisa. Plantas originais da construção, alvará do cinema ou mesmo seu documento de posse pela Empresa Cinematográfica Apucarana, mesmo a prefeitura da cidade não sabe onde localizá-los. Coincidência ou não, toda a documentação do projeto específica da cidade de Apucarana, não se encontra no Patrimônio Público junto com as demais documentações das outras cidades selecionadas. A falta de cooperação por parte da administração do Cine Teatro também foi um entrave, pois ter, negada a possibilidade de ter acesso a documentações sobre atividades culturais do teatro, como agenda de eventos, fotos do acervo, certamente impossibilitou a resposta á muitas questões que ficaram.

Acredito que o projeto Velho Cinema Novo ainda tem muito a ser explorado, por ter um rico material a ser analisado sobre as demais cidades. O estudo desse projeto pode certamente enriquecer a história cultural das várias cidades na qual foi desenvolvido. Certamente estudos posteriores sobre esses teatros, ajudarão a revelar aspectos importantes e, talvez, até desconhecidos, da região norte do Paraná.

FONTES

BOSCARDIN, Mariana Devantel. Apucarana, uma cidade sexagenária. **Revista comemorativa aos 100 anos do pioneiro João Boscardin Junior**, Apucarana, 2005.

COSTA, Mônica Patrícia. Apucarana: um olhar sobre o passado. In: BONI, Paulo Cesar (Org.). **Certidões de nascimento da História: o surgimento do eixo Londrina-Maringá**. Londrina: Planográfica, p. 85-102, 2009

LÔR, Haroldo Victor. **Álbum comemorativo do 25º aniversário de emancipação política de Apucarana, estado do Paraná**. Arapongas, Gráfica Santa Terezinha, 1968.

MARENA, Ninger Ovídio. **Apontamentos para a História de Apucarana**. 1 ed. Apucarana: Gráfica Lebrelivros, 1970.

MARSON, Elzio do Reis. **No limiar do horizonte: manifestações e discursos divisionistas norte/sul e política integracionista no Paraná (1920-1975)**. 2005. 226 fls. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP- Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

PINTO, Rui Cavallin. **A arca da memória: Apucarana**. 21 ed. Curitiba: Gráfica Maxigráfica, 2007.

ROSA, José de Oliveira. **Apucarana nossa terra**. [S.l.] [S.n.] 1991.

SOBRINHO, Francisco S. Dias. **Norte do Paraná, Apucarana prosa e verso**. Apucarana: Gráfica Diocesana, 2007.

YAMAKI, Humberto. **Labirinto da memória: Paisagens de Londrina**. Londrina. Edições Humanidades, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ADUM, Sonia Maria S. Lopes. **Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina -1930/1960.1991**. Dissertação (mestrado). Assis – UNESP. São Paulo. 1991.

ARANTES, Antonio Augusto. Repensando os aspectos sociais da sustentabilidade: a conservação integrada do patrimônio ambiental urbano. **Projeto História Revista do programa de estudos pós-graduados de história**, São Paulo, n. 18, p. 121-134, maio 1999.

_____. O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. **Habitus**, Goiânia. V. 4, 2006.

ARIAS NETO, José Miguel. Pioneirismo: Discurso político e identidade nacional. **Historia e ensino**, Londrina, vol. 01, 1995, pg. 69-82.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: EDUNESP, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LARAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, nº 51, p. 251-262, 2006.

ANEXOS

Anexo A – Folheto apresentativo



Velhas salas de cinema espalhadas pelo Paraná são restauradas e transformadas em cineteatros. Junto com elas toda a magia, encanto e emoção do cinema, que agora também abrigará o teatro, música e dança. É o projeto Velho Cinema Novo que vai entregar a população importantes espaços culturais que estavam desativados ou com sua capacidade limitada de funcionamento. Um projeto que nasce com planos para crescer e tem um futuro garantido. É o Paraná fazendo história e resgatando parte da vida cultural de municípios do Estado.

Integram o projeto 13 imóveis distribuídos em pontos estratégicos do Paraná, que apresentam características significativas ou são imóveis tombados. Prédios construídos nas décadas de 30, 40 e 50 serão recuperados, devolvendo um importante patrimônio histórico e cultural. Gradativamente, outros cinemas serão incorporados a este núcleo inicial.

Um sistema de rede entre os novos cineteatros possibilitará que a produção cultural paranaense e brasileira circule com custos reduzidos, garantindo a qualidade da programação. Uma parceria com distribuidoras de filmes viabilizará a projeção de filmes comerciais ou artísticos em todas as salas do circuito. Em cena: companhias de dança, óperas, teatro, música e filmes e espaço para a arte.

Projetado para ter arrecadação com venda de ingressos, aluguéis de lojas, espaço para publicidade e cafés, o projeto vai permitir a manutenção dos locais e exibição de uma programação rica e diversificada.

As cidades também marcarão sua identidade cultural em cada sala, pois caberá a elas definir parte da ocupação com atividades produzidas nos municípios.

óperas
dança teatro
filmes música

Anexo B – Folheto apresentativo 2

velho **CINEMA** novo

Os cinemas nas cidades

Todas as salas estão localizadas de maneira estratégica, privilegiada em suas cidades, o que permite a efetivação da rede.



O município de **Andirá**, criado em 28 de janeiro de 1944, tem 21.662 habitantes e uma área de 274,81 km². O **Cine Teatro São Carlos** foi inaugurado em 1958. Capacidade: 365 lugares.

Apucarana foi criada em janeiro de 1944. Tem 107.819 habitantes e ocupa uma área de 544 km². O antigo cineteatro foi inaugurado na década de 50, com o nome de **Cine Fênix**. Capacidade: 476 lugares.

Arapongas surgiu em 1935 e foi instalada oficialmente em novembro de 1947. Tem 85.415 habitantes e uma área de 379.096 km². O **Cine Mauá** foi construído em 1952. Capacidade: 634 lugares.

Castro fica numa área de 2.674.607 km² e tem 63.546 habitantes. O município foi criado em 21 de janeiro de 1857. As primeiras exibições de filmes no **Cine Marajá** em Castro iniciaram em 1911. Capacidade: 315 lugares.

Guaíra foi desmembrado de Foz do Iguaçu em dezembro de 1952. Sua população é de 28.663 habitantes, e ocupa uma área de 536.656 Km². O **Cine Sete Quedas** é década 40. Capacidade: 176 lugares.

Com uma população de 39.580 habitantes, **Jacarezinho** foi criado em março de 1903 e ocupa uma área de 588 km². O **Cine Iguaçu** foi construído em 1950. Capacidade: 654 lugares.

A **Lapa** foi criada em março de 1872. Sua área é de 2.145 mil km² e tem uma população total de 41.777 mil habitantes. O antigo **Cinema Imperial** foi inaugurado na década de 50. Capacidade: 400 lugares.

Loanda foi instalada oficialmente em 27 de novembro de 1955. Com uma população total de 19.533, o município tem uma área de 742 km². O cinema de Loanda, antigo **Cine Guanabara**, é um prédio da década de 50. Capacidade: 636 lugares.

Núcleo urbano planejado em 1929, **Londrina** tem cerca de um milhão de habitantes e 1660 km². O **Cine Teatro Ouro Verde**, projeto do arquiteto Vilanova Artigas, tombado pelo Patrimônio Cultural do Estado, foi inaugurado em dezembro de 1952. Capacidade: 830 lugares.

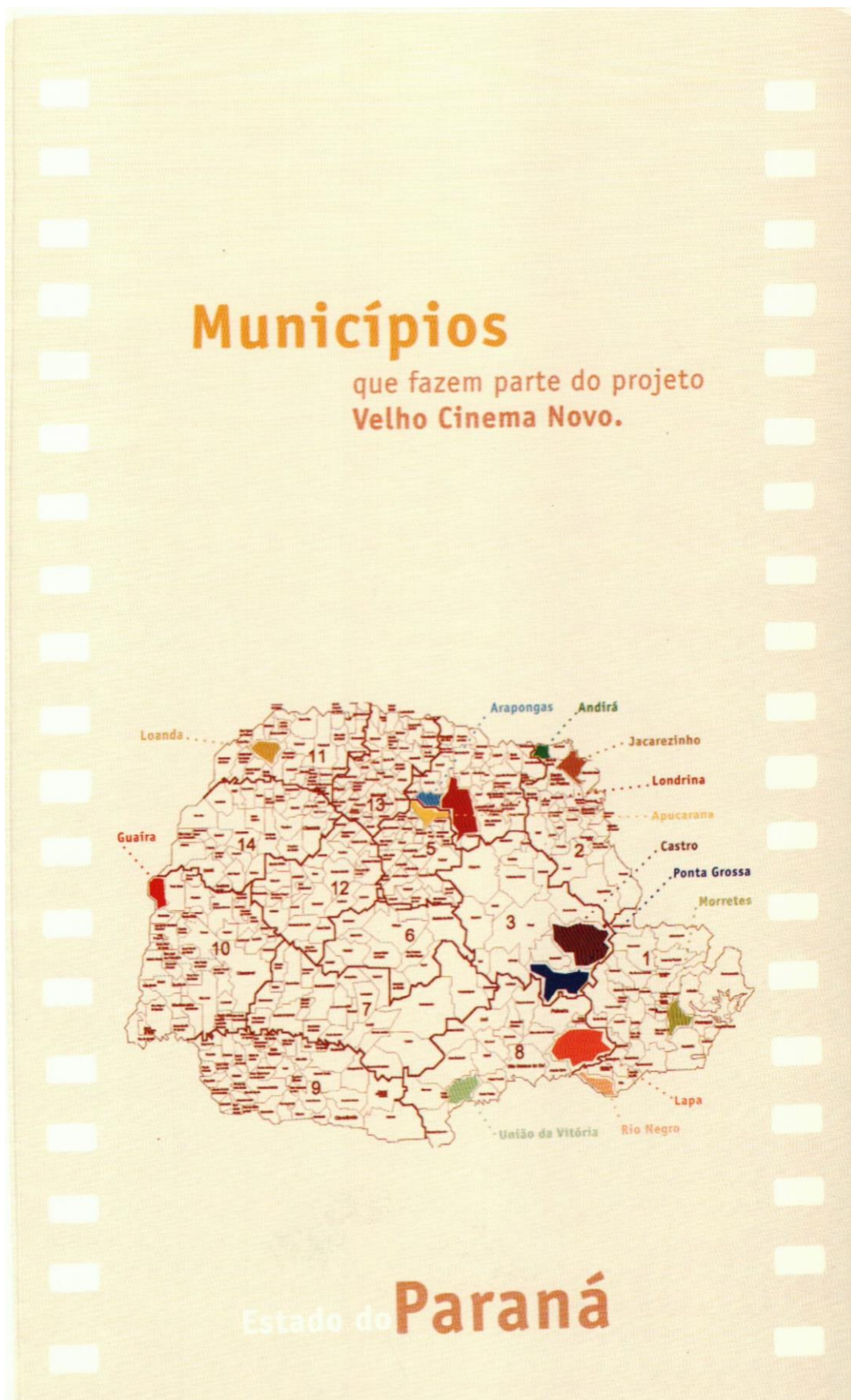
A fundação de **Morretes** data de 1721. A população do município é de 15.273 mil habitantes e sua área de 663 km². O **Theatro Municipal** fica no centro histórico da cidade tombada pelo Estado e foi construído no início do século XIX. Capacidade: 224 lugares.

Ponta Grossa tem uma população de 273.469 habitantes. A área do município é de 1.948 km² e foi instalado em dezembro de 1855. A construção do **Cine Ópera** foi iniciada em 1949. Capacidade: 1036 lugares.

Rio Negro tem como data de fundação o dia 26 de julho de 1828, uma população de 30.584 habitantes e ocupa uma área de 604,6 km². O **Cineteatro Seminário** situado no antigo Seminário Seráfico São Luiz de Tolosa foi inaugurado em 1923. Capacidade: 206 lugares.

O município de **União da Vitória** teve início em 1881 e foi instalado em março de 1908. Tem uma população total de 48.330 habitantes e ocupa uma área de 721km². O **Cine Luz**, inaugurado em 1951, é tombado pelo Patrimônio Cultural do Estado. Capacidade: 515 lugares.

Anexo C – Folheto apresentativo 3



Anexo D – Sumário executivo 1

1.00 - Sumário Executivo

1.01 - Descrição do Empreendimento

O Estado do Paraná possui um conjunto precioso de antigos cinemas que tem sido destruído, se deteriorado ou mudado de função. Via de regra, os edifícios apresentam excelente ambientação urbana e arquitetura características muito significativas. São testemunhos de uma manifestação que representou não apenas o entretenimento que as projeções permitiam mas toda uma dinâmica de relações sociais. Esse patrimônio arquitetônico, disperso em todo o território paranaense corre o risco de desaparecer, vítima das modificações urbanas, quer seja por sua demolição ou por mudanças irremediáveis na sua estrutura para se adequarem a outras funções. A partir de um levantamento feito em todo o Estado, foram escolhidos 11 edifícios de antigos cinemas e 2 centros culturais, que, distribuídos pelo território permitirão estabelecer um circuito inicial de uma programação diversificada, tendo como carro chefe a projeção de filmes e as atividades culturais de palco (teatro, música e dança). Este sistema de Cine-teatros formará a base inicial de um circuito de ação cultural a ser integrado ao sistema de teatros do Paraná, supervisionados pelo Núcleo de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura.

O projeto deverá ser gradualmente incrementado com a inclusão de outros espaços culturais que apresentem condições de se integrar ao circuito, ampliando o rol de municípios participantes e a abrangência do projeto.

Os municípios selecionados inicialmente possuem edificações em condições de restauração, muitas delas de propriedade poder público, facilitando a implantação do projeto. Os espaços terão uso múltiplo assegurado através de uma ação conjunta na gestão da programação.

As áreas recuperadas e adaptadas também poderão ser utilizadas para eventos, como exposições, palestras, conferências e formaturas, entre outros, pois de maneira geral os edifícios estão situadas em áreas centrais. Esta condição contribuirá também para a revitalização de áreas normalmente deterioradas, sujeitas à desvalorização.

1.02 - Objetivos:

O projeto Velho Cinema Novo dentro do Programa de Valorização Cultural do Paraná tem como objetivo central propiciar a revitalização de um sistema integrado de Cine-teatros, envolvendo todo o território do Estado. Além disso tem também os seguintes objetivos específicos:

- Resgatar e recuperar o patrimônio histórico ,arquitetônico e imaterial dos antigos cinemas através da revitalização da sua função original e adequação para desempenharem as funções conjuntas de cinema e artes cênicas – música, dança e teatro, aliadas à possibilidade de abrigar a prática de outras atividades sócio culturais.
- Disponibilizar para a população, espaço cultural de qualidade.

Anexo E - Sumário executivo 2

- Revitalizar áreas urbanas uma vez que os cinemas, via de regra, se localizam em áreas centrais.
- Estimular a atuação cultural voltada para atividades cinematográfica e teatral na medida em que se disponibiliza um espaço apropriado e bem equipado.
- Integrar a atividade cultural do Estado pela criação de um Circuito Cultural de apresentações dentro de uma ampla programação de cinema, música dança e teatro.
- Estimular a realização de festivais que, além do caráter cultural, têm capacidade de alavancar as economias locais, em especial o comércio e os serviços de hospedagem e alimentação.
- Dotar os espaços culturais revitalizados de infra-estrutura para comercialização de produtos e veiculação de cotas de patrocínio local.

1.03 - Características do Projeto

O projeto caracteriza-se por um circuito cultural. Todo o circuito deverá ter uma administração centralizada em uma fundação estadual, vinculada à Secretaria da Cultura, que garantirá e monitorará não apenas as ações integradas dos cine-teatros, como sua inserção em *toda a política cultural do Estado, sem prejuízo da gerência operacional local e da garantia de espaço para a programação regional em cada município.*

Os edifícios, após a sua recuperação, deverão ser tombadas como patrimônio cultural, sendo este ato uma forma de reconhecer a sua importância e a do circuito. Dois desses edifícios já são tombados (Londrina e União da Vitória), enquanto o de Morretes está localizado na área do centro histórico do município em processo de tombamento.

Uma proposta detalhada do circuito inicial, segue em anexo a este documento.

1.04 - Recursos necessários

Os investimentos em reforma, construção e equipamentos em cada município deverão ser de responsabilidade do governo estadual, que deverá viabilizar o recursos em seu orçamento e a obtenção de financiamento junto ao BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento.

A fundação a ser criada, responsável pela administração do circuito e de cada sala individual, *no que concerne à parte estadual deverá viabilizar a sustentabilidade do projeto, através da geração de receitas com a venda de ingressos, a locação dos auditórios, dos espaços comerciais e publicitários, utilizando os recursos na operação, administração e manutenção do circuito, inclusive no pagamento dos filmes a serem apresentados.*

No âmbito municipal, a Prefeitura, diretamente ou através de organização específica deverá viabilizar a gestão dos recursos, advindos da cobrança de serviços prestados e aluguel do espaço bem como a sua manutenção.

O Governo do Estado vai investir **R\$ xxx milhões** nas obras. Os recursos virão da Secretaria do Desenvolvimento Urbano, que elaborou os projetos de recuperação em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura.

Anexo F - Sumário executivo 3

Peças Eletrônicas: anúncio de 30” veiculado pela Rádio local, em parceria com o Cineteatro.

Estratégia de Publicidade: Entrevista com os grupos que irão se apresentar no interior, em cadeia estadual de Rádio e TV (Canal Paraná) e RPC (em parceria).

Estratégia de Comercialização: Aluguel de espaço no Cineteatro e cobrança de ingressos.

Oficina de Teatro/Dança Comunitário

Conceito: Organizar um grupo de formandos das escolas de teatro, Faculdade de Artes do Paraná (Curso de Artes Cênicas, PUC, ACT etc), juntamente com professores de artes cênicas, para realizar oficinas de teatro nas cidades em que se encontram os Cinetatos.

Formato: Criação de peças teatrais com montagem leve, e de preferência utilizando temas da própria comunidade, como sua história e personagens.

Público: Professores, alunos, comunidade em geral.

Peças Impressas: ¼ de pagina de anúncio em jornal local, cartazes.

Peças Eletrônicas: anúncio de 30” veiculado pela Rádio local, em parceria com o Cineteatro.

Estratégia de Publicidade: Entrevista com os grupos que irão se apresentar no interior, em cadeia estadual de Rádio e TV (Canal Paraná) e RPC (em parceria).

Estratégia de Comercialização: Aluguel de espaço no Cineteatro e cobrança de ingressos.

Circuito de Artes Plásticas

Conceito: Desenvolvimento de um circuito de exposição de artes plásticas (de artistas locais), nos espaços do Cineteatro, com apresentação prévia de audiovisual sobre artes plásticas com breve palestra de monitor.

Formato: Serão convidados artistas plásticos locais para exposição de suas obras no foyer, após a apresentação do audiovisual e a palestra do monitor. As peças locais serão fotografadas para uma eventual seleção e eventual publicação de um “caderno de artes plásticas paranaenses”.

Público: comunidade em geral.

Peças Impressas: cartaz.

Peças Eletrônicas: Anúncio de 30” em Rádios parceiras.

Estratégia de Publicidade: Anúncio veiculado pela Rádio local, em parceira com o Cineteatro.

Estratégia de Comercialização: Aluguel de espaço do Cinetatro. Cobrança de comissões s/ vendas semelhantes aos dos galeristas.

Circuito de Música

Anexo G – sumário executivo 4

Peças Eletrônicas: Anúncio de 30" em Rádios parceiras.

Estratégia de Publicidade: Agenda de exibição veiculada pela Rádio local, em parceria com o Cineteatro.

Estratégia de Comercialização: Aluguel de espaço do Cineteatro.

Circuito de Palestras Temáticas

Conceito: Organizar um circuito estadual de palestras de interesse público, como sobre assuntos de saúde, educação, marketing, agropecuária, política, cultura ou de entidades como Lions, Rotary etc., levando consultores de nível para vulgarizar conceitos modernos sobre os assuntos abordados.

Formato: Palestras com recursos audiovisuais e apostilas para os participantes

Público: Professores, alunos, empresários, cidadãos em geral.

Peças Impressas: ¼ de página de anúncio em jornal local, cartazes

Peças Eletrônicas: anúncio de 30" veiculado pela Rádio local, em parceria com o Cineteatro.

Estratégia de Publicidade: Entrevista com o palestrante em cadeia estadual de Rádio e TV (Canal Paraná) e RPC (em parceria)

Estratégia de Comercialização: Aluguel de espaço no Cineteatro e cobrança de ingressos.

Circuito de Teatro Profissional

Conceito: Organizar um circuito de peças teatrais de grupos profissionais de teatro. Ofertas de salas bem estruturadas, público e divulgação com os parceiros da mídia local

Formato: Peças teatrais com montagem leve, capaz de ser facilmente transportada e adaptada a qualquer espaço cênico.

Público: Professores, alunos, comunidade em geral

Peças Impressas: ¼ de página de anúncio em jornal local, cartazes

Peças Eletrônicas: anúncio de 30" veiculado pela Rádio local, em parceria com o Cineteatro.

Estratégia de Publicidade: Entrevista com os grupos que irão se apresentar no interior, em cadeia estadual de Rádio e TV (Canal Paraná) e RPC (em parceria).

Estratégia de Comercialização: Aluguel de espaço no Cineteatro e cobrança de ingressos.

Circuito de Teatro Amador

Conceito: Organizar um circuito de peças teatrais de grupos amadores de teatro, provenientes de formandos das escolas de teatro do Teatro Guaira e da Faculdade de Artes do Paraná (Curso de Artes Cênicas).

Formato: Peças teatrais, facilmente adaptadas aos formatos de cada cineteatro.

Público: Professores, alunos, comunidade em geral

Peças Impressas: ¼ de página de anúncio em jornal local, cartazes.

Anexo H – Sumário executivo 5

Formato: Criação de audiovisuais com montagem simples e, de preferência, utilizando temas da própria comunidade, como sua história e personagens. Criação de concurso estadual de audiovisuais criados pelas comunidades.

Público: Professores, alunos, comunidade em geral

Peças Impressas: ¼ de página de anúncio em jornal local, cartazes.

Peças Eletrônicas: anúncio de 30" veiculado pela Rádio local, em parceria com o Cineteatro

Estratégia de Publicidade: Entrevista com os monitores da oficina que irão dar os cursos no interior, em cadeia estadual de Rádio e TV (Canal Paraná) e RPC (em parceria)

Estratégia de Comercialização: Aluguel de espaço no Cineteatro.

Circuito de Filmes Culturais

Conceito: Desenvolvimento de um circuito de filmes culturais, provenientes de embaixadas e consulados, assim como de instituições que utilizem filmes como veiculação de mensagens, como WWF, National Explorers etc..

Formato: Filmes de média e longa metragem.

Público: comunidade em geral.

Peças Impressas: cartaz.

Peças Eletrônicas: Anúncio de 30" em Rádios parceiras.

Estratégia de Publicidade: Agenda de exibição veiculada pela Rádio local, em parceria com o Cineteatro.

Estratégia de Comercialização: Aluguel de espaço do Cineteatro.

Circuito de Vídeos Temáticos

Conceito: Desenvolvimento de um circuito governamental de audiovisuais, apoiado de monitores, que deverão apresentar ao público assuntos de interesse geral, como Prevenção ao Câncer de Mama, Profilaxia Bucal, Nutrição de Gestantes, Prevenção e Combate às Drogas, Direitos do Consumidor, Geração de Renda. Gestão de Associações Comunitárias etc.

Formato: Audiovisuais de média metragem, com apoio de monitores e apostilas.

Público: comunidade em geral.

Peças Impressas: cartaz.

Anexo I – Sumário executivo 6

3.00 - Serviços Ofertados

3.01 Cinema

Todos os espaços atendidos pelo projeto oferecem condições técnicas necessárias a apresentação de filmes tanto do circuito comercial dos grandes centros como também produções cinematográficas dirigidas a públicos diferenciados, como cinema de arte, mostra de cinema e vídeo, realizada por instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais.

3.02 Artes Cênicas

Todos os espaços atendidos pelo projeto oferecem condições técnicas necessárias para atender apresentações de teatro, dança, circo, ópera, mímica e música. Montagens compatíveis com as características de cada edifício, assegurando, no entanto, alta qualidade técnica aos espetáculos, garantindo assim o maior grau de satisfação do consumidor.

3.04 Espaços comerciais

Todos os espaços atendidos pelo projeto oferecem condições de abrigar atividades comerciais compatíveis com cada espaço, tanto para exploração sistemática como, para eventos esporádicos.

Detalhamento

Círculo de Filmes Comerciais

Conceito: Organizar junto a distribuidores, circuito de filmes nacionais e internacionais de grande sucesso, para ser exibido comercialmente nas salas dos Cineteatros

Formato: Filmes de sucesso comercial..

Público: comunidade em geral

Peças Impressas: não

Peças Eletrônicas: não

Estratégia de Publicidade: Agenda de exibição veiculada pela Rádio local, em parceria com o Cineteat

Estratégia de Comercialização: cobrança de ingressos.

Oficina de Cinema & Vídeo

Conceito: Organizar um grupo de formandos das escolas de teatro e cinema, além de cooperativas de diretores e produtores de audiovisuais para realizar oficinas de vídeo e cinema nas cidades em que se encontram os Cineteatro

Anexo J –sumário executivo 7

1.05 – Localização e necessidades técnicas

Onze salas de Cine-teatro e dois Centros Culturais distribuídos em pontos estratégicos do Paraná, a seguir relacionados que apresentam características significativas ou são imóveis tombados, integram a primeira fase do projeto, onde serão realizados os investimentos propostos e com os quais será inicialmente montado o circuito estadual de Cine-teatros.

Andirá - Cine São Carlos.

O edifício que abriga o cinema foi inaugurado em 1958. O projeto de restauração arquitetônica prevê uma platéia com capacidade de 350 lugares -, palco, depósito, bilheteria, espaço para exposições, administração, copa, foyer, instalações sanitárias, camarins: e no pavimento superior: cabine de projeção, biblioteca, acervo, sala leitura, instalações sanitárias.

Apucarana - Cine Teatro Apucarana.

Inaugurado na década de 50, com o nome de Cine Fênix, conta com área de aproximadamente de 1300 m² e foi o primeiro cinema da cidade. O Cine Teatro está localizado na Avenida Curitiba, na área central da cidade, próximo à Catedral. Restaurado deverá contar com cerca de 550 lugares e palco de grandes proporções.

Arapongas - Cine Teatro Mauá .

Construído em 1952, o espaço cultural possuía capacidade para 1.200 lugares. Atualmente usado pela prefeitura do município para a promoção de atividades culturais, o Cine Teatro Mauá, que tem uma área de 1.940 metros quadrados, sofrerá uma reforma no palco e nos banheiros, além de ganhar novos equipamentos, devendo abrigar cerca de 600 poltronas.

Castro - Cine Teatro Marajá

O Cine Teatro Marajá, foi projetado entre os anos 1956 e 1958. Sua arquitetura e escala, ainda estão preservados e têm atraído a atenção da classe artística. Serão elaborados projetos para abrigar um cine-teatro de 900 m² com um auditório para 311 lugares, cabine de projeção e som, foyer, bilheteria, instalações sanitárias, camarins e palco além de um espaço para abrigar o memorial de Bento Mossurunga, um dos mais importantes músicos paranaenses, natural de Castro, e cujo acervo encontra-se hoje sob a guarda da Secretaria de Estado da Cultura.

Guaira - Cine Sete Quedas

O edifício pertence ao conjunto de obras construídas pela Companhia Mate Laranjeiras. Foi construído para ser depósito de erva-mate e, posteriormente transformado em Casa de Espetáculos. Sua recuperação permitirá revitalizar a área do Centro Histórico, atualmente em processo de tombamento pelo município. A edificação em tijolo aparente, será cuidadosamente restaurada e será construído um anexo, com novos equipamentos e mobiliário. O auditório terá 168 lugares.

Jacarezinho - Cine Teatro Iguazu

Outra obra da década de 50, o Cine Teatro Iguazu deverá passar por uma restauração completa. A arquitetura do prédio é característica da época da construção, com revestimentos

Anexo K – Sumário executivo 8

Conceito: Desenvolvimento de um circuito de música popular e erudita, nos espaços do Cineteatro, com apresentação prévia de audiovisual ou breve palestra de monitor.

Formato: Serão convidados grupos de diferentes tipos de música e sempre que possível os da música erudita, formados com membros da Orquestra Sinfônica do Paraná etc., para apresentarem no circuito.

Público: comunidade em geral.

Peças Impressas: cartaz.

Peças Eletrônicas: Anúncio de 30” em Rádios conveniadas.

Estratégia de Publicidade: Anúncio veiculado pela Rádio local, em parceria com o Cineteatro.

Estratégia de Comercialização: Aluguel de espaço do Cineteatro e cobrança de ingressos.

Programa Permanente de Patrocínio Cultural

Conceito: Será desenvolvido um programa para a captação de patrocínio cultural estadual e local, como ação permanente, para dar suporte financeiro a atividades pouco lucrativas, oferecendo apoio à sustentabilidade econômica das salas, especialmente em comunidades cuja demanda e poder aquisitivo estejam aquém do nível mínimo de custeio.

Formato: Projeto de patrocínio cultural com retorno em ações de marketing cultural e institucional, a partir da exposição periódica e/ou permanente de banners, merchandising, afixação de logomarcas em materiais impressos, apoios culturais em espetáculos etc.

Público: Empresas de porte nacional instaladas ou não no Paraná, empresas paranaenses de grande, médio e pequeno porte e empresas locais.

Peças Impressas: Documento impresso com opções de investimentos publicitários, patrocínios e apoios culturais.

Peças Eletrônicas: VT de apresentação do projeto VELHO CINEMA NOVO

Estratégia de Publicidade: Lançamento do projeto e abordagem do empresário em larga escala. Entrevista com empresários e executivos. Iniciativas locais apoiadas no Manual do Empreendedor Cultural.

Estratégia de Comercialização: Tabela de descontos padrão progressivos para aquisição de cotas.

Anexo L – Apresentação do projeto

Projeto: Velho, Cinema Novo

O Projeto

O Estado do Paraná possui um conjunto precioso de antigos cinemas que tem sido destruído, deteriorado ou mudado de função. Via de regra, os edifícios apresentam excelente ambientação urbana e arquitetura característica muito significativas. O projeto Velho, Cinema Novo faz parte do Programa de Valorização Cultural do Paraná, e constitui-se num sistema integrado de cine-teatros, com resgate, recuperação e adaptação de antigos cinemas para desempenharem as funções conjuntas de cinema e teatro, dotando assim as cidades selecionadas de um patrimônio histórico recuperado e modernizado em seu uso.

Os municípios não apenas possuem edificações em condições de restauração de propriedade poder público, mas também condições imediatas de implantação do projeto. Este sistema de cine-teatros formará a base inicial de um circuito de ação cultural a ser integrado ao sistema de teatros do Paraná, supervisionados pelo Núcleo de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura. Os equipamentos terão uso múltiplo como cinema e teatro, assegurado através de uma ação conjunta na gestão da programação.

CINE-TEATROS

As áreas recuperadas e adaptadas poderão ser utilizadas para eventos, exposições, palestras, conferências, etc., pois de maneira geral, estes prédios estão situadas em áreas centrais. Esta condição de centralidade contribuirá também para a revitalização de áreas normalmente deterioradas, sujeitas à desvalorização. Além disso, o projeto significa resgatar uma das mais importantes manifestações da cultura moderna.

SEEC.

Imagem: Mapa do Paraná demarcando os municípios que terão os Cine Teatros